



SAUDOSAS PELEJAS

A História Centenária do Campos Athletic Association
Wesley Machado



Orelha

Campos A. A., um foco de luz no meu caminho dentro do futebol

Por: Afonso Celso Garcia Reis (Afonzinho)

A palavra Campos por si sempre revela a ideia da força histórica do povo dessa região. Ficou em relevo na minha memória a participação naquele jogo maravilhoso contra o Palmeiras. Até hoje não compreendo bem como foi possível o alviverde paulista se apresentar num amistoso com todos seus “cobras”, boa parte deles da seleção brasileira e dirigidos pelo exigente Brandão, um dos treinadores mais vencedores do futebol sul-americano.

Mais uma demonstração do poder da gente campista. Também não sei de quem partiu a inspiração de me convidar para o grande evento. Os grandes acontecimentos surgem de ideias ousadas de pioneiros iluminados. O Campos fez uma jogada de grande efeito.

A importância da partida, para mim, sei de boa consciência, o seu valor. Havia conquistado o “Passe Livre”, que cravou minha carreira para sempre. Mas e agora? Numa atividade coletiva, dependendo de companheiros e adversários, instalações e outras condições necessárias, como

seguir em frente? Fiz alguns jogos “avulsos”, pelo menos dois, o de Campos e o da estreia do Edu Coimbra pelo Bahia para o qual ele se transferiu saindo do Flamengo.

Esse jogo também foi marcante. O extraordinário craque fez um gol de bicicleta da meia lua num lançamento meu que não foi forte o suficiente para chegar na sua frente e o obrigou ao recurso genial da pedalada aérea. Ficou um bom tempo servindo de abertura do programa de esporte da hora do almoço na Bahia.

O passo seguinte foi reunir alguns companheiros sem contrato (extinção dos aspirantes) e fundarmos um time para podermos continuar jogando profissionalmente. Nasceu o Trem da Alegria, que tem o nome em homenagem ao Garrincha (Alegria do Povo), que também foi fundador. Até hoje seguimos atuando amistosamente.

Campos sempre presente na voz do queridíssimo Roberto Ribeiro apenas para citar um de tantos amigos e companheiros desde o juvenil do Botafogo e outros clubes (o Flu tinha vários campistas) passando pela escola de Medicina e outros campos de atuação.

Enfim, o Campos é uma marca profunda gravada com Alegria no meu couro curtido de tantas estradas. Torcemos para que aproveite o entusiasmo do seu Centenário e retome sua trajetória de Glórias.



Wesley Machado



Saudosas Pelejas

A história centenária do Campos Athletic Association



1ª Edição

Campos dos Goytacazes-RJ

2012





Copyright © 2012 by | Wesley Machado



Capa
Fernando Luiz

Pesquisa
Wesley Machado e Wilson Carlos

Copidesque
Eduardo Ribeiro

Revisão
Márcio de Aquino

Diagramação
Enockes Cavalari

Impressão
COPY&ARTE

Fotos capa e contra capa
Arquivo , Wesley Machado e Antônio Leudo

FICHA CATALOGRÁFICA

Machado, Wesley, 1981 –
Saudosas Pelejas – A história centenária do Campos Athletic
Association/Wesley Machado – Campos dos Goytacazes/RJ:
W. Machado, 2012.
159 p

1. Futebol 2. Negro 3. História regional. Campos dos Goytacazes (RJ).
2. I. Título

Todos os direitos reservados ao autor





SUMÁRIO

- 05 SUMÁRIO
07 PREFÁCIO
10 APRESENTAÇÃO

CAPÍTULO 1

- 16 HISTÓRIA SOCIAL DA IMPRENSA
20 O JORNALISMO ESPORTIVO BRASILEIRO
27 A IMPORTÂNCIA DO RÁDIO
29 TELEVISÃO GANHA ESPAÇO A PARTIR DE 1970
31 A INTERNET VEM OCUPANDO PAPEL DE DESTAQUE
33 O JORNALISMO ESPORTIVO EM CAMPOS
36 O RÁDIO ESPORTIVO DE CAMPOS
38 A TV TEM PAPEL DISCRETO NA REGIÃO
39 A INTERNET COMEÇA A GANHAR TERRENO

CAPÍTULO 2

- 42 O FUTEBOL CHEGA A CAMPOS DOS GOYTACAZES
47 UMA BREVE HISTÓRIA DO CAMPOS ATHLETIC ASSOCIATION
55 OCORRÊNCIAS DE RACISMO NO FUTEBOL
62 SÃO BENEDITO, PADROEIRO DO CAMPOS A. A.
64 O ANTIGO LEÃO DA COROA
66 O ROXINHO DO PARQUE LEOPOLDINA
68 AMADORISMO VERSUS PROFISSIONALISMO



CAPÍTULO 3

- 72 RIVALIDADE COM OS CLUBES LOCAIS
- 74 CAMPOS X GOYTACAZ
- 76 CAMPOS X RIO BRANCO
- 78 CAMPOS X AMERICANO
- 79 CAMPOS X TIMES DAS UNSINAS
- 80 OS PRINCIPAIS TÍTULOS CONQUISTADOS
- 81 O TÍTULO DE 1918 COM JOGADORES NEGROS
- 82 MOSTRANDO FORÇA NOS ANOS INICIAIS: CAMPEÃO DE 1924
- 83 A BELA CAMPANHA EM 1932: OS MULATINHOS ROSADOS
- 86 A CONQUISTA HISTÓRICA DE 1956 EM CIMA DO GOYTACAZ
- 94 CAMPEÃO CAMPISTA DE PROFISSIONAIS 20 ANOS DEPOIS
- 96 OS TÍTULOS REGIONAIS
- 98 O AMISTOSO CONTRA O PALMEIRAS

CAPÍTULO 4

- 102 O AFASTAMENTO DO FUTEBOL PROFISSIONAL
- 107 FUSÃO: POSSIBILIDADES RECHAÇADAS
- 110 A VOLTA AO FUTEBOL PROFISSIONAL
- 113 OS TÍTULOS NAS CATEGORIAS AMADORAS
- 116 POSSIBILIDADES DE ASCENSÃO E RETORNO DA TORCIDA
- 118 ESTAGNAÇÃO SOCIAL

- 121 CONSIDERAÇÕES FINAIS
- 124 ANEXOS
- 158 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PREFÁCIO



Reverenciando a história

* PÉris Ribeiro

Um dos heroicos fundadores da Liga Campista de Desportos, no ano de 1914, o Campos Atlético Associação estava, de há muito, à espera de alguém que se propusesse a registrar o seu vasto e belo legado para as novas gerações. Um legado que fala de uma história deveras singular, onde as glórias e as lutas pela sobrevivência sempre se misturaram com a mais densa intensidade.

Campeão campista em 1918, já ali o celebrado “Leão da Coroa” deixava evidenciado que jamais iria temer os confrontos com os poderosos Americano, Goytacaz e Rio Branco. E foi essa, por sinal, a tônica do seu desempenho décadas a fio, transformando o Estádio Ângelo de Carvalho em um verdadeiro “alçapão” para os grandes. Nele, o Campos raramen-



te perdia. E se isso acontecia, a vitória adversária só vinha depois de muita luta, muito sofrimento, muita raça mostrada em campo.

Campeão da cidade mais quatro vezes, dono de várias outras conquistas em torneios amistosos e campeão, também, nos eletrizantes Torneios Início – competição tradicional, que marcava festivamente o começo de cada temporada-, o Campos Atlético Associação merece ser saudado, sempre, como um autêntico orgulho do desporto campista. E é isso, efetivamente, o que presenciamos agora.

Aliás, não custa lembrar que a história está aí mesmo para ser estudada, vivida. Não tem como passar ao largo, fingir desconhecimento. Ainda mais que, desconhecendo o passado, sequer dimensionamos o presente. Muito menos, somos capazes de projetar o futuro. A história é tudo!

Só que, neste país chamado Brasil, é comum ter-se medo, um grande medo da história. Daí o falso desdém, com frases do tipo “ quem gosta de passado é



museu”, “história é coisa de gente velha”... Coisa típica de um país de mentalidade leviana. Que projeta uma população capaz de registrar os mais elevados índices de analfabetismo, em qualquer pesquisa nos mais variados órgãos especializados da ONU.

Ainda bem que, vez por outra, surge alguém como esse Wesley Machado. Um jovem desabrido em sua sede de pesquisas, capaz de mergulhar com contagiante entusiasmo no mágico “faz de conta” dos heróis de outros tempos. Ainda bem!

Com este livro sobre o Campos A. A., tenho certeza, Wesley não só crava a sua marca como o mais promissor dos jovens pesquisadores do esporte campista. Vai além. Insere-se - e insere-se com méritos - como um novo nome no olimpo dos jovens escritores esportivos do nosso país. Que o futuro lhe seja promissor.

* Péris Ribeiro é jornalista e escritor. E autor do livro “Didi, o Gênio da Folha-Seca”, Prêmio João Saldanha de Jornalismo Esportivo (área de Literatura) em 2011.



APRESENTAÇÃO

Este livro resultou do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – aprovado para publicação – em Jornalismo do Centro Universitário Fluminense (Uniflu) / Faculdade de Filosofia de Campos (Fafic) no ano de 2008. Com este livro, apresento a história de um dos mais tradicionais clubes de futebol de Campos, o Campos Atlético Associação. As histórias são contadas por meio de notícias de jornais e fatos narrados por quem viveu os dias de glória do clube e até mesmo as dificuldades que nos últimos anos fizeram com que o clube abandonasse as disputas esportivas em nível profissional e se dedicasse às categorias amadoras.

A falta de material específico sobre o tema foi uma das motivações para a realização de um registro histórico que possa servir, no futuro, de base para pesquisas de pessoas interessadas no desenvolvimento ao longo dos anos do futebol campista, particularmente do denominado de roxinho para seus torcedores.

Criado com o nome, ainda em inglês, de Campos Athletic Association, o clube que inspirou esta pesquisa, nasceu no bairro da Coroa, se mudando, posteriormente, para o Parque Leopoldina, onde ainda hoje mantém a sua sede

social em atividade.

A mola propulsora para este trabalho foi a possibilidade de recuperar e preservar a história do clube, que era denominado popularmente como o “Leão da Coroa”, uma referência ao bairro onde obteve o primeiro campo próprio. Ao se transferir para sua nova casa o clube passou a ser conhecido pelos torcedores como o “Roxinho do Parque Leopoldina”, em uma nova referência, desta vez à cor do uniforme utilizado e ao bairro de onde não mais saiu. Por ter o nome da cidade de Campos dos Goytacazes, o clube passou a ter uma ligação ainda maior com a torcida da cidade.

O resultado do livro é uma história objetiva para que se possa mostrar de maneira clara a história do Campos Atlético Associação, um dos clubes de maior tradição não apenas do futebol campista mas, também, do antigo Estado do Rio de Janeiro, antes da fusão com a Guanabara.

A escolha do tema deveu-se à importância do clube que, além de tradicional, era um dos mais queridos do torcedor, no período em que esteve em atividade, com uma equipe de profissionais. Pessoas que ajudaram a formar a história do clube dentro e fora do campo concederam depoimentos que vão permitir que a trajetória do “Antigo Leão da Coroa” não caia no esquecimento.

O estudo se propõe a fazer uma análise no corpo deste trabalho, apoiando-se na contribuição literária sobre o

tema. Existem alguns livros que tratam da história do futebol campista: "Almanaque Esportivo do Jubileu de Ouro do Futebol Campista - História do Futebol de Campos" (ARÊAS, 1962), com fotografias históricas e informações importantes; "História do Futebol Campista" (OURIVES 1989), com resultados de jogos e campanhas de títulos; e "Ídolos do Esporte - A História do Esporte de Campos" (SANTAFÉ, 2006).

Estas obras dão um apanhado geral da história do futebol de Campos dos Goytacazes. Mas os livros que serviram como um alento para a pesquisa específica sobre o Campos foram "Bairro do Caju" (LIMA, 1980), um livro de crônicas, que tem um capítulo em homenagem ao cinquentenário de fundação do Antigo Leão da Coroa; e "Campos depois do Centenário" (DE CARVALHO, 1991), em que o autor fala dos 25 anos do clube.

Nesta viagem mágica pela história do futebol campista, personagens importantes foram ouvidos. Pessoas que vivenciaram o dia-a-dia do clube, desde a sua fundação, deram depoimentos de fundamental importância, como os ex-jogadores: Onildo Galdino da Silva (Onildo), Waltenier Rodrigues de Souza (Bimba) e Eraldo Ferreira de Souza (Neném). Dirigentes antigos que tiveram participação ativa no comando do Campos A.A. e fizeram com que

ele se tornasse uma das forças do futebol profissional de Campos, como Jorge da Paz Almeida (Jorge Chinês), Noel José Ladislau (Chapéu Preto) e Carlos Alberto Gomes Lima (Redondo), também deram sua contribuição por meio de declarações pessoais. Jornalistas que vivenciaram a fase áurea do clube como Péris Ribeiro estão entre os que deram subsídios para a realização deste trabalho. A metodologia utilizada para o registro dos dados foi baseada em anotações *ipsis litteris* e reprodução fotográfica de notícias dos jornais Monitor Campista, Folha do Commercio, Folha do Povo, Correio de Campos, Reportagem, A Cidade e A Notícia.

O trabalho traz uma apresentação da história do clube de futebol do Campos Athletic Association A e de passagens marcantes que contribuíram para ressaltar a importância do clube desde a sua fundação até o abandono dos profissionais, passando pelas conquistas dos cinco campeonatos campistas (1918, 1924, 1932, 1956 e 1976).



Capítulo 01





História social da imprensa

A chegada da imprensa ao Brasil coincide com a vinda da família real portuguesa para a então colônia, por isso a denominação imprensa régia. MELO (2003: 113-141) aponta sete fatores socioculturais para o retardamento da implantação da imprensa no Brasil: a natureza feitorial da colonização, o atraso das populações indígenas, a predominância do analfabetismo, a ausência de urbanização, a precariedade da burocracia estatal, a incipiência das atividades comerciais e industriais e o reflexo da censura e do obscurantismo metropolitanos que caracterizavam o dia-a-dia do país e que teve uma ampla reformulação com a vinda dos portugueses. Os novos habitantes do país, foram responsáveis por mudanças radicais em solo brasileiro, trazendo inovações revolucionárias, onde se destaca a propagação dos meios de informação.

Sobre a utilidade da imprensa diz MELO (2003: 42) que:

A imprensa veio atender às necessidades crescentes de produção de livros, a fim de satisfazer as solicitações da elite intelectual forjada pelas universidades e pelo movimento renascentista. Mas, não somente com essa finalidade, apesar de os registros dos estudiosos enfatizarem de tal modo esse aspecto, tornando-o muitas vezes único e exclusivo.

As atividades de impressão serviram também como suporte para o desenvolvimento das atividades da nascente burguesia comercial e industrial, dando letra de forma aos instrumentos da sua complexa engrenagem burocrática (letras de câmbio, recibos, contratos, modelos contábeis, tabelas de preços etc.). Ou então, atenderem às necessidades da organização administrativa das cidades e dos principados (guias para recolhimento de impostos, editais, proclamações, avisos, formulários etc.).

De igual modo, a imprensa atenderia aos interesses da Igreja, instituição detentora de grande poder na Europa medieval, apesar das cisões internas, possibilitando a reprodução de imagens dos santos, orações, indulgências, bulas papais e outros instrumentos da liturgia cristã, destinados a fomentar a religiosidade popular.

Além das necessidades institucionais, havia a necessidade popular de obter informações e manter-se em dia

com os acontecimentos da época, fenômeno que geraria a imprensa periódica, cujas primeiras manifestações são as relações e as folhas volantes. (grifos do autor).

Foram seis as tentativas de implantação da imprensa no período colonial: por holandeses em Recife em 1642; por jesuítas espanhóis no Paraná em 1700; por um impressor anônimo novamente em Recife em 1706; pelo antigo impressor lisboeta Antônio Isidoro da Fonseca no Rio de Janeiro, em 1747; uma oficina de impressão tabulária em Salvador, no ano de 1770; e uma oficina de impressão calcográfica montada pelo Padre José Joaquim Viegas de Menezes em Vila Rica, em 1807. Essas tentativas, no entanto foram frustradas, pois não apresentaram condições de desenvolvimento, em função da grandiosidade do país, as distâncias intransponíveis para a realidade da época e, principalmente em razão da falta de um apoio oficial, que viria a acontecer apenas com a chegada dos nobres portugueses, responsáveis pela propagação de idéias fundamentais para a implantação da imprensa.

Ainda segundo MELO (2003: 90), no dia 10 de setembro de 1808 circula o primeiro número do jornal, **A Gazeta do Rio de Janeiro**, que dá início ao jornalismo nacional. **A Gazeta do Rio de Janeiro**, tendo como patrono

Frei Tibúrcio, circulou, a princípio, com periodicidade semanal. Logo, devido à grande aceitação, passou à bissetimanal. Sendo que em agosto de 1821, com a denominação **Gazeta do Rio**, passa a sair três vezes por semana.

Com a proclamação da independência, em 1822, recebe o título **Diário do Império**. Antes já havia circulado por aqui o **Correio Braziliense**, editado, em Londres, por Hipólito José da Costa, o que gera uma controvérsia acerca do pioneirismo da imprensa no Brasil. O jornal foi um órgão de contestação ao regime monárquico e por isso mesmo, tinha uma editoria em Londres, pois ficaria inviável um trabalho dentro de território brasileiro, em função da repressão sofrida, diante das críticas ao regime.

A ideologia do jornal pregava a independência do Brasil, e da distante Inglaterra, enviava subsídios para os revoltosos, através de suas edições, que circulavam com certo atraso, em função das dificuldades e da distância. Mesmo assim, o órgão foi de fundamental importância para que a Independência do país fosse articulada.

Tanto assim, que no dia em que o país tornou-se verdadeiramente livre do jugo português o jornal deixou de circular, pois já havia cumprido o seu papel, entrando para a história como o primeiro jornal do país, apesar de ter nascido e vivido por todos esses anos em território inglês.



O jornalismo esportivo brasileiro

O interesse do brasileiro pelo esporte, em especial pelo futebol, levou ao crescimento desta variação do jornalismo. Ele passou a ser predominante nas redações, na medida em que havia um mercado aberto para o tema, que a cada dia se renovava e crescia nas mais variadas camadas da sociedade e encontrava no esporte uma forma de inclusão social, pois mesmo os mais pobres, encontravam uma resposta para seus anseios de crescimento econômico. Isso pode ser constatado ainda nos dias de hoje.

E foi justamente em função do interesse da população em geral pelo assunto, que os meios de comunicação passaram a investir de maneira direta, na formação específica de repórteres especializados em esporte. Desta forma, nomes se consagraram no decorrer dos anos, se dedicando integralmente ao tema, que sempre invadiu a alma dos brasileiros e fez com que uma imprensa direcionada para ele, se fortalece cada vez mais.

O pai da crônica esportiva no Brasil é o jornalista Mário

Filho, que foi homenageado e reconhecido por sua contribuição ao esporte, dando nome ao maior estádio do mundo, também conhecido como Maracanã. O marco inicial do estilo jornalístico que valoriza em especial o futebol se deu nos idos de 1926/1927 com uma entrevista de meia página com o goleiro do Fluminense e da Seleção Brasileira, Marcos de Mendonça, conhecido pela torcida como “fitinha roxa”. Esta entrevista foi publicada no jornal A Manhã, de propriedade de Marcos Rodrigues, pai de Mario Filho e Nelson Rodrigues.

Nelson Rodrigues, ainda hoje é considerado um dos mais importantes cronistas esportivos da história da imprensa. Seu nome é difundido por todo o país, pelo seu texto polêmico, suas opiniões controversas e principalmente pelo amor ao Fluminense, que por muitos geriu a sua carreira. Além disso, o cronista se destacava no cenário do jornalista através de crônicas policiais, que posteriormente se transformaram em peças de destaque da dramaturgia brasileira.

Antes o futebol, considerado por ele “o melhor jogo do mundo”¹, não ocupava mais de três linhas nos jornais a

1. A consideração de que o futebol é o melhor jogo do mundo é do jornalista Nelson Rodrigues e está no prefácio do livro O Sapo de Arubinha, uma coletânea de crônicas de Mario Filho, organizada por Ruy Castro e publicada em 1994 pela Companhia das Letras.

cada edição, se resumindo as pequenas notas de pé de página, tal a marginalização que sofria de alguns setores da sociedade.. Nelson Rodrigues nos diz que a entrevista com Marcos de Mendonça pode ser comparada a “uma Semana de Arte Moderna”, tal sua importância para o esporte.

O clássico Fla-Flu ganhou nas crônicas de Mário Filho um grande destaque, imortalizado pelas palavras do jornalista, na ocasião em que foi realizado o jogo que entrou para a história como o Fla-Flu da Lagoa². Mário era flamenguista, enquanto seu irmão era tricolor. Os dois mais o botafoguense Armando Nogueira, com um texto cheio de poesia e verso fácil, formam “a Santíssima Trindade de nossa literatura esportiva”³.

Armando Nogueira, outro gênio da comunicação, teve fundamental participação no trabalho de divulgação do es-

2. O Fla-Flu da Lagoa foi o jogo que decidiu o Campeonato Carioca a 23 de novembro de 1941, no Estádio da Gávea. Para o Fluminense bastava o empate para conquistar o título. O Flamengo precisa da vitória. O time rubro-negro conseguiu empatar a partida a seis minutos do fim. A partir de então os jogadores do Fluminense passaram a jogar a bola na Lagoa. Os remadores do Flamengo nadavam e pegavam a bola para devolvê-la. A cena se repetiu até o apito final do juiz. E o Fluminense se sagrou campeão.

3. “Mário é o pai, até certo ponto o fundador. Nelson é o filho, que se imolou por nós. Armando seria o próprio Espírito Santo”. A afirmação é de Carlos Heitor Cony e está contida no prefácio do livro *Canto dos Meus Amores*, escrito por Armando Nogueira e reimpresso em 1998 pela Dunya Editora Ltda..

porte nos últimos anos. Crônicas imparciais e líricas são marcas registradas desse botafoguense apaixonado que ainda é um espelho para os novos jornalistas esportivos, servindo de inspiração para o surgimento de uma nova geração de cronistas preocupados com o destino dos desportos.

O Vasco não poderia deixar de ser lembrado nas redações e neste vazio apareceu um novo ícone do jornalismo esportivo para defender o clube da Cruz de Malta. Sérgio Cabral, tradicional também no mundo da música, muito contribuiu para a divulgação das peculiaridades do Clube da Colina e com suas palavras fáceis, atingiu um público cada vez maior, principalmente de vascaínos.

O gênero alcançou no decorrer dos anos, um número cada vez maior de leitores, ávidos pelo assunto e entre aqueles que se destacaram neste modelo de literatura, estão ex-jogadores, que ao abandonar os gramados passaram a contribuir, com seus conhecimentos e opiniões, para o crescimento deste mercado, que os órgãos de comunicação começavam a dar um destaque maior. Entre esses ex-jogadores, o que mais se destaca é Tostão, que passou a ser uma referência, com seus comentários pertinentes e sua sobriedade, escrevendo para uma série de jornais no país, entre eles a **Folha de São Paulo**.

Jornalistas com formação, também vem se destacando nos últimos anos e se tornando um ponto de equilíbrio nos mais variados temas esportivos, passando a ser leitura obrigatória de torcedores das mais variadas correntes. Entre eles, os mais destacados na atualidade são Paulo Vinicius Coelho e Mauro Betting, do tablóide **Lance**, fenômeno de vendas desde 2002, quando do pentacampeonato da Seleção Brasileira de Futebol.

Nomes como os de Juca Kfourri, também do diário **Lance** e que muitos anos se destacou como principal cronista da **Revista Placar**, Fernando Calazans do Jornal **O Globo** e no Sul do país, o de Rui Carlos Osterman, do **Jornal Zero Hora**, merecem ser lembrados. Esses cronistas passaram a ser referência para os torcedores e tem o poder de influenciar em vários fatores que regem o esporte brasileiro, como a Seleção Brasileira, com suas críticas ou elogios, que são respeitadas pela sociedade em geral pela sobriedade do texto.

O aparecimento do diário **Lance**, em 1997, mudou completamente o relacionamento da imprensa com órgãos de comunicação, direcionados para o esporte. Com circulação nacional e uma impressão específica para cada grande capital do país – os maiores mercados para este tipo de mídia, em função da presença dos grandes clubes e grandes ídolos

do esporte – o jornal acabou por suplantar e praticamente condenar à morte, jornais tradicionais, que ocupavam este espaço anteriormente, só que de maneira regional.

Neste caso, os mais prejudicados, foram o **Jornal dos Sports**, o famoso “cor de rosa” ou “rosinha”, no Rio de Janeiro, que nasceu inspirado na cor anteriormente adotada pelo italiano *La Gazzetta dello Sport*, e em São Paulo, o não menos tradicional **Gazeta Esportiva**. No início do jornalismo esportivo, esses jornais, que hoje já não tem quase nenhuma ou nenhuma influência neste seguimento, eram considerados os grandes jornais esportivos do país e a companhia certa dos torcedores nos estádios.

Antes de pegar o ônibus para ir ao estádio, não se podia esquecer-se de passar na banca para comprar esses jornais, que eram a referência de informação para o torcedor. Só depois de ler as informações sobre o clube do coração e do adversário, o jornal serviria como protetor de assento de arquibancada. Muitos descartavam os jornais após a leitura, mas existiam aqueles que eram apegados às informações e faziam questão de levar para casa. O jornal das fotos gigantescas.

Do lance do gol. Do perfil do ídolo. O **Jornal dos Sports** e a **Gazeta Esportiva** perderam espaço com suas páginas internas em preto e branco para a modernidade e o poder

do diário **Lance**, que com todas as suas páginas coloridas ganhou espaço. Hoje o **Jornal dos Sports** tenta sobreviver como pode, enquanto a **Gazeta Esportiva** desistiu de competir no mercado e passou a investir em outro tipo de mídia. Levou a sua marca famosa para a internet, onde hoje produz um dos mais completos sites de notícias esportivas, que é um dos líderes de acesso em todo Brasil, deixando com isso de ser regional e nacionalizando as informações, em outro campo de divulgação.



A importância do rádio

É impossível falar de jornalismo esportivo no Brasil sem citar a importância do rádio no trabalho de divulgação do futebol. O rádio sempre teve papel preponderante no trabalho de divulgação do esporte, pois criou no torcedor brasileiro um vício que mesmo em países onde o futebol tem a mesma penetração não é registrado.

A emoção passada por nomes consagrados no rádio esportivo, que deixaram seus nomes na história, como Valdir Amaral, Jorge Cury, Fiori Gigliotti, Osmar Santos, Oduvaldo Cozzi, entre os que não mais podem ser ouvidos, é inimaginável para quem nunca acompanhou uma narração com um desses ícones da comunicação.

Podem ser destacados grandes comunicadores, que nas tardes de domingo, principalmente, vem fazendo nos últimos anos a emoção do torcedor aflorar com lances narrados, por muitas vezes, apenas com o objetivo de motivar a imaginação de quem acompanha seu clube em lugares

mais longínquos, sem deixar de ser verdadeiros, já que a credibilidade nessas situações é fundamental para o profissional.

Também no rádio, se consagraram ex-jogadores, que aproveitaram para dar maior credibilidade às transmissões esportivas, com o conhecimento de quem já brilhou dentro dos gramados e tem a oportunidade de avaliar os que estão em atividade.

A cada dia, os comentaristas teóricos perdem um maior espaço na mídia radiofônica e nomes como o de Gérson, um dos heróis do Tri-campeonato mundial do México, ainda conquista esse espaço, nas grandes emissoras.

Durante muitos anos o ex-atacante do Vasco Ademir Marques de Menezes, foi um dos mais importantes e acreditados comentaristas do rádio no Rio de Janeiro, fazendo parte da equipe esportiva da **Rádio Continental**. Ele foi um dos precursores do trabalho de ex-jogadores junto à mídia esportiva.

Recentemente, José Carlos Araújo, o "Garotinho", grande nome atual do rádio esportivo brasileiro saiu da Rádio Globo, onde trabalhou durante anos, e foi para a Rádio Bradesco, do Grupo Bandeirantes. Para o lugar de José Carlos Araújo, foi contratado pela rádio Globo, o narrador Luiz Penido, grande botafoguense, que pertencia à Super Rádio Tupi.



Televisão ganha espaço a partir de 1970

Até a Copa do Mundo de 1970 no México, a imaginação era o maior aliado do torcedor, ao acompanhar as campanhas vitoriosas do Brasil, que até então era bi-campeão mundial. A partir daí, a transmissão ao vivo das partidas para o território brasileiro, deixou o torcedor mais perto da realidade, já que poderia deixar a imaginação de lado e acompanhar todos os lances fielmente, no instante em que tudo acontecia.

A televisão começou a caminhada em busca da integração com a massa esportiva a partir daí. Com o passar dos anos, ganhou maior notoriedade e tem participação fundamental na divulgação dos principais eventos esportivos, tanto assim que chega a manipular totalmente essas competições, com o poder financeiro que exerce sobre os clubes e associações. A condição chega ao ponto de tor-

nar o esporte uma das suas principais armas na luta pela audiência, modificando eventos e criando condições para que esportes cresçam ou não no interesse da população em geral.

Também a televisão passou a utilizar ex-jogadores, como forma de marketing diante da torcida, para atrair a atenção e com ela a audiência. Um dos pioneiros na função foi Roberto Rivelino, que após abandonar o futebol, se consagrou como comentarista esportivo, na **TV Bandeirantes** de São Paulo. A mesma **Bandeirantes** deu espaço a nomes como os de Mário Sérgio e Neto, os mais destacados entre tantos outros nomes.

A **Rede Globo** também se utilizou de ex-jogadores, tendo contratado nomes consagrados por momentos esporádicos, como foi o caso de Pelé, na Copa do Mundo de 1994 nos Estados Unidos e de Romário na Copa do Mundo de 1998. Fazem parte da equipes esportiva da emissora, os também consagrados Falcão e Casagrande.



A internet vem ocupando papel de destaque

A internet passou a ser o mais novo integrante deste imenso mundo de divulgação esportiva. Com sua rapidez de informação a nova ferramenta passou a fazer parte do dia-a-dia da sociedade, somando as diversas outras mídias para a divulgação. Através da internet, pode-se ver um jogo com transmissão direta, a exemplo da televisão. Acompanhar a narração através das rádio-web's. Acompanhar passo a passo os jogos pelo mundo e, principalmente, ler com mais rapidez as informações que acontecem no universo do esporte, sem ter que esperar pelas edições impressas, que chegam pelas manhãs às bancas, ou esperar pelo horário do programa esportivo preferido no rádio ou na televisão.

Muitos apostam na possibilidade de que outras mídias possam sucumbir diante do potencial que a internet apre-

sentam atualmente, mas como já aconteceu no passado, as mídias se completam para tornar a informação ainda mais ampla e é nessa tese que muitos apostam para o futuro do jornalismo em geral.

Destacam-se neste seguimento, sites como o da **Gazeta Esportiva**, do **Globo Esporte**, jornal **Lance**, **ESPN**, **Sportv**, entre outros, que se espalham por onde houver uma bola rolando.

Destacam-se ainda, blogs que se dedicaram à divulgação do esporte e conseguiram um grande índice de visibilidade, entre eles: **Jogo Aberto** e **Blog do Juca**, entre outros, a maior parte, escrito por jornalistas. O **Jogo Aberto**, de Lédio Carmona, foi desativado e o jornalista criou o **Jogos que eu vi**.



O jornalismo esportivo em Campos

Oito anos depois do nascimento do futebol em gramados goitacás aparece o primeiro jornal esportivo de Campos. **O Kick**, fundado em 1915, por Alfredo Rosas, Roberto Findlay, Júlio Silva e Gastão Machado. O periódico constituía-se como órgão oficial da Liga Campista de Foot-ball e dos clubes associados. Em 1916, surge o semanário **O Sportivo**, dirigido pelos irmãos Lessa. Com o mesmo título voltaria a circular 20 anos depois sob a direção de José Carlos Tinoco e gerência de Emmanuel Tavares. Em 1919, a Liga campista de Foot-ball e o Conselho Superior de Remo lançam a **Revista Esportiva**, que tinha como proprietários e redatores, respectivamente, Themistocles Silva e Prisco de Almeida.

Com apenas um número, publicado em 1921, vale ser citado o **Sportman**, dirigido por Everardo Tinoco. **O Sport**,

de 1922, teve a direção de Armínio Bastos, que em 1924 lançou o **Eco Sportivo**, em parceria com Anicleto Bessa de Carvalho. **O Sport** seria relançado em 1930 por Aguinaldo Machado e F. Ribeiro de Queiroz. Dois anos depois, Waldyr Benevento se juntaria na direção do semanário. Mais um semanário aparece em 1934. Dirigido por A. Machado, W. Benevento e J. Moll surge a **Gazeta dos Esportes**, uma referência ao periódico italiano *La Gazzetta dello Sport*.

Quanto aos clubes de Campos, alguns lançaram periódicos que serviram de órgão oficial. É o caso do Clube Esportivo Rio Branco, que editou em 1927 **O Róseo-Negro** e do órgão independente **Itatiaia**, órgão oficial do clube homônimo. O Antigo Leão da Coroa também teve seu órgão oficial, o **Informativo C.A.A.**

Mas foi na década de 50, que o esporte ganhou um maior destaque na imprensa de Campos, através do trabalho dos jornais diários, que passaram a investir na formação de jornalistas esportivos e valorizar o trabalho destinado à divulgação do futebol campista, que vivia o boom do semi-profissionalismo, através de clubes, patrocinado pelas usinas de açúcar e que acabou por transformar o Campeonato Campista em um dos mais concorridos e divulgados do interior do país.

Na época a rivalidade de jornais diários como o extin-

to **Monitor Campista**, antigo órgão oficial do município, pertencente aos **Diários Associados**; o jornal **A Notícia** comandado por um dos mais ardorosos torcedores da época, o jornalista Hervé Salgado Rodrigues, que não se eximia de se apresentar como torcedor do Goytacaz; e **A Cidade**, criado por Júlio Nogueira e comandado por Vivaldo Belido de Almeida, no auge de seu empreendimento. Mais dois jornais se destacavam na divulgação dos fatos esportivos, se aproveitando do fato desses três principais jornais não circularem nas segundas-feiras, dia em que o noticiário esportivo é ainda mais amplo. Disso se aproveitavam os semanários **A Reportagem**, comandado por Fernando Gomes e **Segunda-Feira**, que era dirigido por Valdemar Pereira da Silva. Nesses jornais podiam se encontrar os resultados dos jogos de domingo e isso fazia a diferença com os demais jornais de circulação diária. Na década de 1960, ainda houve o **Tabloide Esportivo**.

Posteriormente surgiram ainda os jornais **Folha da Manhã** e **O Diário**, que vêm contribuindo de maneira fundamental para a divulgação do esporte na região.



O rádio esportivo de Campos

Uma das ferramentas principais para impulsionar o esporte em Campos no último século, foi o radiojornalismo. Começava a aflorar na cidade a rivalidade entre os clubes com características fundamentalmente sociais, tais quais Americano, Goytacaz, Rio Branco e Campos. Estas equipes enfrentavam times formados por meio do envolvimento dos grandes industriais da época, os proprietários das usinas de açúcar, que criaram clubes tradicionais da época, como Paraíso, Cambaíba, e Sapucaia.

Isto fez com que o campo de trabalho se abrisse para a formação de profissionais, que se especializaram na cobertura diária do trabalho dessas equipes, seguindo o mesmo propósito, do trabalho que vinha sendo realizado nas grandes capitais, como Rio de Janeiro e São Paulo.

O rádio de Campos passou a ter uma ampla cobertura do futebol que se desenvolvia cada vez mais, levando a cidade a ser uma das primeiras a adotar o profissionalismo, que

na verdade era um semi-profissionalismo, já que apesar de receber salários, os jogadores desenvolviam trabalhos paralelos.

Apareciam no rádio esportivo de Campos, locutores do porte de Ribeiro Moço, Filadelfo Viana, Afrânio Maciel, Jorge Soares, Moreira Filho, Moacir Fonseca, entre outros. Depois vieram nomes consagrados como Aluísio Cabral Parente, Josélio Rocha, Sérgio da Matta Tinoco e Dalvan Lima, vários deles ainda em atividade.

Muitos desses radialistas que se destacaram em Campos, conseguiram se sobressair no cenário nacional, chegando às principais emissoras do país, como Eraldo Leite, Elso Venâncio, Cláudio Perrou e Artur Moraes e ainda hoje fazem parte da mídia nacional, depois do início de carreira em Campos.

Nos dias de hoje, mesmo com o esvaziamento sofrido pelas emissoras de rádio, em termos de investimento e profissionalismo, a imprensa esportiva através do rádio, ainda tem se mantido como uma das mais dinâmicas e importantes na divulgação do trabalho realizado pelos clubes que restaram em Campos, em plena atividade.



A TV tem papel discreto na região

Uma das mídias mais importantes, que é a televisão, tem pouco se dedicado ao trabalho de divulgação do esporte, não somente em Campos, mas em todas as cidades da região. O futebol sempre aparece como segundo plano no noticiário das emissoras e isso pode ser notado pelo grau de importância que é dado ao trabalho diário de nossas equipes.

Com três emissoras de televisão em pleno funcionamento – Intertv Planície, Record e Canção Nova – a cidade poderia ter uma maior cobertura do futebol e não apenas fatos isolados, que entram a reboque nos telejornais diários e programas especiais, que esporadicamente são realizados por essas emissoras.

Inicialmente, houve até mesmo uma tentativa de cobertura na antiga TV Norte-Fluminense, então afiliada à Rede Globo, até mesmo com transmissões ao vivo de jogos do Americano, extra-rede, mas por pouco tempo e poucos ainda se recordam desse trabalho realizado logo no início das transmissões do Canal 12.



A internet começa a ganhar terreno

A queda no nível de informação das mídias mais antigas faz com que uma nova porta se abra, e passe a ocupar lugar de destaque, quando se fala em divulgação do esporte de Campos nos últimos anos. A internet vem sendo uma ferramenta importante para quem gosta de futebol, com um noticiário rápido e de fácil divulgação e de pouco custo, que vem sendo uma das principais fontes de informação para o torcedor campista.

Os blogs também têm sido muito utilizados neste trabalho e começam a encontrar um espaço a cada dia maior entre os que buscam a informação diária. Sem custos e uma menor responsabilidade com o mercado, já que são feitos na maior parte das vezes sem fim lucrativo. Eles começam a ser uma fonte confiável, de acordo com o responsável pelo conteúdo, já que a credibilidade de quem escreve é a maior sustentação para a manutenção desta mídia em atividade.

Entre os espaços se destacaram neste seguimento, está o

NF Esportes, que junto com o **Blog do Penacho**, ambos dirigidos pelo jornalista Adilson Dutra, foram a principal fonte de informação para o torcedor. Ele inaugurou o espaço e foi o precursor no acompanhamento de jogos ao vivo das nossas equipes, o que até então não era uma constante na região

Esse trabalho seria desenvolvido ainda mais, com a inclusão de fotos e acompanhamento on-line dos jogos na região, pelo site **Na Rede**, dos jornalistas Álvaro Marcos e Leandro Nunes, mas o trabalho durou pouco tempo, deixando, no entanto uma oportunidade para que novos investimentos possam ser feitos neste campo de trabalho.

O mesmo Álvaro Marcos criou o blog **Mumunha Futebol Clube**, que também durou até 2010. Em 2009, Álvaro Marcos mediante uma ideia do autor deste livro, Wesley Machado, já havia criado o Blog **Estrela Solitária no Coração**, com notícias e análises de jogos do Botafogo, ao qual passou a se dedicar.

Outro Blog interessante, que dava resultados de jogos dos Campeonatos que envolviam times do interior do Rio de Janeiro era o **Futebol e Manhã**, que acabou em 2011. Em novembro de 2011, Wesley Machado idealizou junto do amigo Marcio Fernandes o Site **Futebol Mania**, que foi criado pelo designer Rodrigo Cherene.

Capítulo 02





O Futebol chega a Campos dos Goytacazes

A pátria do capitalismo industrial havia descoberto que o futebol, paixão de massas dava diversão e consolo aos pobres e os distraía de greves e outros maus pensamentos. GALEANO (1995: 28)

Ao serem atirados na história, ao terem de participar das tarefas e lutas que a constituem, os homens se vêem obrigados a encarar suas relações sem ilusão. DEBORD. (1997:49-50).

O uruguaio Eduardo Galeano, um intelectual de esquerda, com a primeira citação acima, considera que o futebol aliena os trabalhadores. Seria o ópio do povo, numa referência ao princípio marxista que critica a religião no século XVIII. Em contrapartida, Guy Debord na citação seguinte, afirma que o esporte das massas possibilita aos operários

participarem da história como atores principais. Análogo ao que pensa George Orwell, autor de 1984, que disse: "O futebol é a continuação da guerra por outros meios. É uma mímica da guerra."⁴

No final do século XIX, o século da história⁵, mais exatamente em 1894, o jogador Charles Miller, de volta de seus estudos na Europa, traz as primeiras três bolas para o Brasil, exatamente para Santos (SP). Segundo Mario Filho, "bolas de pneu número cinco". Ainda segundo o jornalista, no Rio de Janeiro, o futebol iniciaria em 1896, com o padre Manuel Gonzáles, que "teve de fabricar uma bola de couro cru, mal curtido⁶" e com pêlos de boi. A bola rolou no Colégio São Vicente de Paulo e ficou conhecida pelo nome de 'peluda'.

Em Campos, o esporte bretão demoraria alguns anos para se desenvolver. A primeira bola teria chegado a gramados goitacás por volta de 1907 e teria sido trazida por artistas de um circo de cavalinhos. Os primeiros passos da arte da pelota foram capitaneados pelo palhaço-músico Alcebíades Pereira, junto a seu cunhado Adolfo Ozon, Piolim e Mesquitinha, entre outros jogadores.

4. Frase contida no Dossiê Futebol, publicado no nº 11 da Revista Entre Livros (p. 45)

5. Afirmção de Jacques Le Goff in História e Memória (p. 19).

6. (FILHO, 2003, p. 52)

O inglês John John Duncann é um dos personagens apontados como o precursor do futebol em Campos na década de 10 do século XX.

Surgiu lá pelos idos de 1910 em Campos, um inglês bonacheirão e como a maioria dos homens de sua raça, alto, louro, emperdigado, morigerado de gestos e de palavras, que pelo amor ao futebol e pelo empenho no incentivo ao esporte bretão, na Terra Goitacá, tornou-se uma figura legendária. Trata-se de John John Duncann, reconhecido como o patriarca do futebol campista. ARÊAS (1962:55):

Entendemos que John John Duncann seja considerado o pai do futebol campista, por conta de sua dedicação ao esporte bretão, tendo construído um campo com vestiários e chuveiros e distribuído bolas, chuteiras e meias aos jogadores. Mas há de se considerar o fato da primeira bola ter chegado pelas mãos dos artistas circenses.

Desse amor de John John Duncann ao futebol e a mocidade da pátria que adotara, surgiu grandes craques, como Reginaldo Duncan (filho do patriarca), Mário Seixas, João Duncann, Dodge, Antoninho, Lula, Nagib,

Armando Duncann, Balthazar, Luis Moreira, Carivaldino, Pires, Zurlinden, Cleveland, Zeca, Cecé, Niquinho, Cobian e outras figuras exponenciais do esporte bretão em nossa terra. ARÊAS (1962:55):

Sobre o primeiro time de futebol de Campos há mais uma polêmica em que os pesquisadores ainda apresentam contradições. Existem correntes que apontam o Athletic Campista como sendo o primeiro a se estabelecer na cidade. No entanto, outra corrente defende a tese de que o primeiro clube de Campos teria sido o Internacional. Apesar das contradições em relação ao tema sabe-se que essas duas equipes foram na verdade os primeiros clubes de Campos, o que se caracterizaria pelo pioneirismo dos dois clubes que entraram para a biografia do futebol campista registrando seus nomes na história e estabelecendo um parâmetro para a confirmação da implantação do esporte bretão, dando o pontapé inicial para futuros investimentos.

Fica registrado que, enquanto não houver prova material, o primeiro clube de futebol de Campos teria sido o Internacional⁷, fundado em agosto de 1912, alguns dias antes do Goytacaz. Outro fato controverso acerca do pio-

7. Citado em "História do Futebol Campista" (p. 64, op. cit.)

neirismo em gramados locais é a notícia⁸ da instalação da sede do Rio Branco.

Um clube com o nome Rio Branco Futebol Clube foi fundado no dia 31 de janeiro de 1911. E o Clube Esportivo Rio Branco foi instituído no dia 5 de novembro de 1912.

"A 23 de abril de 1910, portanto dois anos antes do surgimento do Goytacaz, que é o mais velho dos que aí estão, a imprensa anunciou a existência do Athletic Campista Foot-Ball Club, deixando, com isso, a impressão, bastante favorável, de que esse teria sido o primeiro clube da cidade." OURIVES (1981:54).

"A primeira partida de futebol de que se tem registro em Campos, foi no dia 14 de fevereiro de 1912, entre as equipes do Internacional e do Aliança[...] em um campo improvisado, cercado por cordas, ao lado da Igreja de Santa Efigênia, esquina com a Rua Formosa, no centro da cidade." LEO PARDO (2007:19).

Este é um tema polêmico, que ainda vai gerar muitas discussões nas futuras gerações e vai permanecer em aberto para que pesquisadores possam apresentar em futuros trabalhos, uma possibilidade de se chegar a uma conclusão lógica.

8. Publicada no Jornal Folha do Commercio a 27 de maio de 1911.



Uma breve história do Campos Athletic Association

O Campos Athletic Association, com o nome ainda em inglês, foi fundado no dia 26 de outubro de 1912 por negros e mulatos que freqüentavam a casa do moço de cor Ângelo de Carvalho, que era localizada no Bairro do Caju. O fato foi lembrado por pesquisadores da época, como o jornalista Nilo Terra Areas, e apresentado no **Almanaque Esportivo do Jubileu de Ouro do Futebol Campista**.

O nome foi adotado em uma fina ironia, tendo como referência o posicionamento tomado pelos clubes aristocráticos do Rio de Janeiro do começo do século XX, com nomes pomposos, como o Mackenzie College, o Football Athletic Association, o Paissandu Cricket Club e o Rio Cricket and Athletic Association. Os dois últimos formados, em sua maioria, por ingleses. Para se ter uma ideia do estrangeirismo no futebol brasileiro, basta ver a escalação

do Paissandu e do Rio Cricket no jogo de 1914. A formação das duas equipes era a seguinte: Paissandu - Cruickshank, C. T. Cruickshank, M. Murray, G. Pullen, E. Pullen, T. Trehand, J. P. Hampshire, L. Wood, C. L. Robinson, L. Yeats e J. Mc Culloch. Rio Cricket - A. L. Sutfield, E. A. Tootal, G. Reitcher, T. Moreno, C. Calvert, E. Kirby, L. F. Garton, F. Slade, Conrado Mutzembercher, F. Millar e J. F. Monteith.

A idéia de fundar um time partiu de Wanderley Barreto que, em 1912, numa das reuniões na casa de Ângelo de Carvalho, preto de alma branca, que vencendo o estúpido e atrasado racismo que teimava em subsistir em certas e diminutas esferas da sociedade campista, conquistou a admiração e o respeito de todos e legou à sua cidade uma prole honrada e operosa. Ângelo de Carvalho reunia em sua casa em festas freqüentes as famílias de côr e foi lá que Wanderley Barreto convidou os amigos do anfitrião para fundar um time de futebol. ARÊAS (1952:11)

Os fundadores do clube foram: Ângelo de Carvalho, que dá nome ao estádio do clube no Parque Leopoldina; Wanderlei Barreto; Jorge Muniz; Laurentino Nunes; Jorge Muniz Filho; Fernando Alberto Muri; Francisco Augusto de

Carvalho; Antônio Augusto de Carvalho; Hernando Augusto de Carvalho; Vitor Arezo; Onísio Silva; Floriano Peixoto; Rotchild de Castro; e Lincoln Silva.

Depois de escolhido o nome, Wanderlei Barreto, genro de Ângelo de Carvalho foi quem desenhou o escudo e escolheu as cores do uniforme: roxo - referente ao mulato, preta e branca, que simbolizava a mistura das raças. O clube desde o começo assumia sua bandeira contra o racismo.

Depois de formada a diretoria, Wanderley Barreto foi escolhido para ser o primeiro presidente e o treinador da equipe. Juntaram dinheiro e compraram uma bola, uma bomba de ar e um livro que ensinava as regras do futebol. Coube ao próprio Wanderley Barreto conseguir as camisas, os calções e as chuteiras. Para tanto, teve que viajar ao Rio de Janeiro. Quando regressou com o material, marcaram o primeiro treino que foi realizado no campinho da Praça do Liceu, onde fizeram a marcação regulamentar do local para jogar.

O primeiro jogo teria sido no Queimado. O adversário é desconhecido. O que se sabe é que os jogadores do time disputaram a primeira partida de barriga cheia, depois de participarem de uma farofada na casa de Ângelo de Carvalho. O primeiro time do Campos formou com Porfírio, Carivaldino e Niquinho, Fidélis, Salvador e Bangu; Goiaba,

Papai, Amaro Rolinha, Gibi e Euclides.

No dia 17 de maio de 1914, Campos e Goytacaz disputaram o primeiro jogo oficial em Campos dos Goytacazes, válido pelo primeiro Campeonato Campista. O Campos vence pelo placar de 2 a 1, com gols de Gibi e Goiaba para o Campos e Jorge para o Goytacaz, no primeiro tempo.

O Campos teve alguns jogadores que se destacaram no futebol do município e com isso, ganharam destaque em outros clubes do Estado, já que as agremiações do Rio de Janeiro, sempre se reforçavam com os atletas formados na cidade, que era considerada na época um celeiro de craques, alguns deles, com passagem pela Seleção Brasileira. Do Campos AA saíram jogadores, tais quais Rebolo (América e Bonsucesso), segundo Jorge Chinês um dos maiores jogadores que passaram pelo Campos, rápido e rompedor, decidia partidas sozinho; Hélivio (Fluminense, Santos e Seleção Brasileira), Ovilson (Canto do Rio), Ananias (Canto do Rio), Ipojuacan (Canto do Rio e América). Outros jogadores que se destacaram foram: o atacante Lodinho; o habilidoso lateral Cinco, que, com um futebol moderno, marcava e apoiava. Também foi destaque no time o goleador Vicente, artilheiro do Campeonato Campista de sua época.

Podemos destacar também alguns jogadores do time

Campeão Campista de Profissionais em 1956, entre os quais o meia-direita Neném, “pequeninho e brigador”, nas palavras de Jorge da Paz Almeida, ex-presidente do clube; o capitão e crack do time, Bimba; o incansável e clássico Batista e o goleiro Onildo, que segundo o jornalista Pêris Ribeiro, foi o melhor goleiro de Campos em sua época.

Duas figuras, no entanto marcaram suas histórias no “Antigo Leão da Coroa”, pela dedicação e amor ao clube. Um deles foi o goleiro Manoelzinho, um fenômeno nos primeiros anos do futebol e que obteve proposta de clubes da capital do Estado, mas que preferiu ficar no Campos.

Outro apaixonado pelo roxinho foi Jorge da Paz Almeida, conhecido como “Jorge Chinês”, que chegou a jogar com Zizinho e Danilo no time do Exército e não aceitou propostas de América, Bonsucesso e Madureira, pois escolheu voltar ao seu time do coração. Depois de abandonar o futebol ele exerceu ainda no clube, diversos cargos na diretoria, chegando até a presidência por cinco mandatos.

Os dois, “Manoelzinho” e “Jorge Chinês” sofreram do que o ex-jogador do Americano e do Fluminense, Zé Roberto, que foi envolvido no famoso troca-troca com o Flamengo, chamou em sua auto-biografia intitulada “Futebol:

A dor de uma paixão” (2ª edição, Guanabara, 1986), de “vírus campista”, que acometia jogadores que nunca quiseram largar suas cidades.

O Campos era apontado por muitos torcedores dos clubes de maior torcida, como o segundo clube no coração do torcedor campista. Todos se uniam sob as cores do “roxinho”, quando seu clube de coração não estava em campo. O Antigo Leão da Coroa teria sido segundo Carlos Alberto Gomes Lima, filho do ex-presidente Jovino Gomes, o primeiro clube a ter departamento médico em Campos. O roxinho teria sido ainda, o primeiro time a usar a camisa com botão, tradicional uniforme da metade do século XX.

Redondo, em entrevista por telefone o dia 10 de outubro de 2012, também conta que por volta de 1940 ou 1941, um avião que pousaria no Campo de Aviação do 56º Batalhão de Infantaria do Exército Brasileiro (56º BI), acabou caindo em parafuso no antigo campo do Campos, na Rua Rocha Leão, atrás do Presídio Feminino, onde na contemporaneidade existe uma concessionária de carro. O acontecimento, “nunca visto em lugar algum do mundo”, segundo Redondo, assustou a todos que estavam no campo do Campos treinando.

Segundo o cronista Hélivio Santafé “o Campos A. A.

sempre foi um dos maiores baluartes do nosso futebol” e acrescenta “fortes, orgulhosos, tradicionais e valentes as equipes do ‘roxinho’ (como carinhosamente eram chamados pela imprensa) sempre foram os mais respeitados e leais adversários dos outros clubes nos campeonatos campistas”.

Nomes de destaque em vários setores da sociedade campista, escreveram seus nomes no comando do Campos Atlético Associação, emprestando a credibilidade necessária para que o clube se desenvolvesse. Entre esses se destacam Olivier Almeida, João Batista Tavares da Hora, Morgado Muniz, Edmundo Chagas, Jorge Muniz, Luiz Carlos de Oliveira, Dr. Milton Marques, Anísio Silva, Rodoval Bastos Tavares, Dário Canela e Juvenal Vanderlei Carneiro e tantos outros que ainda hoje estão na lembrança dos torcedores.

O Campos tem marcado em sua história o fato de ter sido um dos fundadores da Liga Campista de Desportos, que ainda na contemporaneidade é o órgão máximo do futebol na cidade. No dia 13 de setembro de 1913, quando as bases do profissionalismo estavam se sedimentando no interior do Estado, foi criada a entidade com a denominação de Liga Campista de Football, sob a presidência do jornalista e desportista Múcio da Paixão – era a mais forte

entidade municipal do futebol do Estado do Rio de Janeiro, tendo entre seus filiados clubes além do Campos AA, clubes tradicionais como Americano FC, CE Rio Branco, Goytacaz FC, Municipal FC e SC São José.

Outro pioneirismo do Campos foi o fato de o clube ter sido fundado também por mulheres, como a “Dona” Angelina Carvalho Muniz e “Dona” Maria Batista, como nos conta o pesquisador e escritor Waldir de Carvalho na crônica “O Campos Atlético e seu Jubileu de Prata”, que estará reproduzido na íntegra nos anexos deste livro.



Ocorrências de Racismo no Futebol

Nos primeiros anos, o Campos Atlético Associação chamou a atenção pelo número de jogadores negros e mulatos, o que tornava o clube, um dos pioneiros no país, no combate à segregação racial, que era predominante naquele período. Com a ajuda dos abnegados que lutaram pela integração de todos os moradores dos bairros adjacentes, na nova agremiação, o clube contribuiu para minimizar o preconceito existente, como destacou em depoimento, o ex-presidente Jorge da Paz Almeida, no dia 14 de abril de 2008. “O Campos foi o primeiro clube a ter negros na direção, ao contrário dos outros clubes, que tinha jogadores negros, mas que eram dirigidos por brancos, que eram as pessoas de maior poder aquisitivo”.

Outro time fundado por negros foi o Riograndense, do Rio Grande do Sul, em 1907, conforme conta Lupcínio Rodrigues, autor do hino do Grêmio, no artigo “Porque sou gremista” publicado originalmente na coluna “Roteiro de

um boêmio” do Jornal “Última Hora”, edição de 06 de abril de 1963 e reproduzida no artigo “Lupcínio Rodrigues e a Liga da Canela Preta”, publicado no dia 04 de março de 2012 no Site “Literatura na Arquibancada”.

Sobre a Liga da Canela Preta, esta foi realizada na segunda década do século XX no estado do Rio Grande do Sul, mais especificamente em Porto Alegre. Em Pelotas-RS, esta liga que reunia times com jogadores negros, se chamou Liga “José do Patrocínio”, em homenagem ao jornalista abolicionista campista.

A Liga José do Patrocínio reuniu times de negros como o S. C. Juvenil, fundado em 1908; S. C. Aliança dos Operários, S. C. América do Sul, S. C. Universal, G. S. Vencedor, G. S. União Democrata, G. S. Lusitano e S. C. Monteiro Lopes⁹. Em Rio Grande-RS também existiu um campeonato de times formado por negros, a Liga Rio Branco.

Em 1918, cinco anos antes do Vasco da Gama e um ano antes da Seleção Brasileira¹⁰, o Campos sagrou-se campeão campista com dez negros no time, tornando-se um

9. Fonte: Artigo “Negros: Organização e Lutas em Pelotas”, de Beatriz Ana Loner, publicado no site da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

10. O Brasil conquistou o Campeonato Sul-Americano ao vencer o Uruguai a 29 de maio de 1919. O time não contava com jogadores negros em campo. Apenas um mulato, Friendenreich, autor do gol do título.

dos pioneiros contra a segregação racial – o Bangu havia sido campeão da segunda divisão do Carioca em 1911 com negros no time. A equipe histórica formou com: Luiz Moreira, Manoelzinho, Carivaldino, Papai, Licurgo, Fidelis, Salvador Roque, Dázio, Gibi, Bolinha e Ildefonso. SANTA-FÉ (2006:18) chega ao ponto de dizer que o clube foi “o primeiro no mundo contra o racismo”, o que também nos parece exagerado afirmar.

SANTOS (1985:41) explica: que “Nosso preconceito racial, zelosamente guardado, vem à tona, quase sempre, num momento de competição”. Depois (p.59) salienta que: “Há no futebol brasileiro um perfeito exemplo, que de pitoresco passou a trágico: Paulo César Lima, apelidado ‘Caju’. Todos reconhecem que é um craque, só lhe fazendo uma restrição: ‘É metido demais’, ‘Quer levar vida social’, ‘é lhe dar os pés pra ele querer as mãos’, etc. restrição do mais cristalino racismo”.

Desde o início do século XX, a Confederação Brasileira de Desportos fazia restrições a jogadores negros. A exceção era o mulato Arthur Friedenreich, maior ídolo do futebol brasileiro de meados da década de 1910 ao início dos anos 1930. Friedenreich foi o autor do gol do título da Seleção Brasileira no Sul-Americano de 1919. Mas, segundo Mario Filho, “a popularidade de Friedenreich se devia, tal-

vez, mais ao fato de ele ser mulato, embora não quisesse ser mulato, do que de ele ter marcado o gol da vitória dos brasileiros”¹¹.

O Antigo Leão da Coroa também teve seu jogador pitoresco, tal qual Friedenreich, que esticava o cabelo para jogar e era o último a entrar em campo na equipe do Paulistano de São Paulo. O “Friedenreich” de Campos foi Crisolino, “o preto de alma branca”, como costumavam chamá-lo os cronistas esportivos. O lateral-esquerdo gostava de raspar e engraxar a cabeça no dia dos jogos, o que deixava sua careca a brilhar.

O preconceito, não é só racial, bem como social. Afirma OLIVEIRA (2000:68): “Destinado a ser um dos principais ‘circos’ do capitalismo atual, o futebol, desobediente, consagra negros, pobres, sul-americanos e africanos, e os torna ricos e famosos”.

Segundo FILHO (2003: 119): “Nenhum clube com um mulato, com um preto no time, tinha sido campeão de 6 a 22. Só o escrete brasileiro, com Friedenreich.” Como veremos a seguir, trata-se de um equívoco histórico.

Em 14 de maio de 1905, apenas um ano após a sua fun-

11. (FILHO, 2004, p. 69)

dação, o The Bangu Athletic Club realiza uma partida histórica com o Fluminense no jardim da Companhia Industrial Progresso do Brasil. No time alvi-rubro, apenas um brasileiro: o center-half negro Francisco Carregal. Em 1906, o time do Bangu que disputa o primeiro Campeonato Carioca tem sete ingleses, um italiano e três brasileiros. São eles o center-half Raul Maranhão, o center-forward Guedes de Mello e o goleiro negro Manoel Maia. Em 1907, a Liga Metropolitana proíbe a inscrição de jogadores negros nos clubes filiados. O Bangu repudia a proibição e abandona a Liga. Em 1911, o Bangu conquista o título da segunda divisão do Carioca.

“O mulato e o preto eram, assim, aos olhos dos clubes finos, uma espécie de arma proibida. Não um revólver, uma navalha. Se nenhum grande clube puxasse a navalha, os outros podiam continuar lutando de florete. Um clube da segunda divisão, porém, subiu para a primeira divisão. Chamava-se Clube de Regatas Vasco da Gama, e trouxe com ele, mulatos e pretos. Nelson Conceição, que tinha saído do engenho de Dentro, mulato; Ceci, do Vila Isabel, quase preto; Nicolino, do Andaraí, preto. Os outros, brancos, alguns mal sabendo assinar o nome. O Vasco, clube da colônia, seguia a

boa tradição portuguesa da mistura [...] Ninguém ligou importância à ida do Vasco para a primeira divisão. Que é que podia fazer um clube da segunda divisão contra um América, campeão do Centenário, contra um Flamengo, bicampeão, contra um Fluminense, tricampeão? O Vasco que botasse quantos mulatos, quantos pretos quisesse no time. Tudo continuaria como dantes, os brancos levantando os campeonatos, os mulatos e os pretos nos seus lugares, nos clubes pequenos.” (FILHO, 2003; 120-121)

O Vasco da Gama, que havia acabado de subir à primeira divisão do association carioca se sagrou Campeão de 1923 com um time formado por negros e mulatos – em 22 já havia sido campeão da segunda divisão. Os elitistas Fluminense, Flamengo, Botafogo e América, deixaram a Liga em 1924 em represália ao Vasco e fundaram a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), a qual barrou a filiação do Vasco sob o argumento de que o clube não possuía estádio próprio. Na verdade, o problema era outro. Como revela a atitude da própria AMEA, que propôs diretamente ao Vasco a exclusão de doze de seus jogadores, por coincidência os negros e os operários, em troca de sua entrada na entidade.

Time do Vasco Campeão Carioca de 1923: Néelson, Leilton e Mingote; Nicolino, Claudionor e Artur; Pascoal, Torterolli, Arlindo, Cecy e Negrito.

Na contemporaneidade ainda se vê casos de racismo, como o do jogador Desábato, do Quilmes, da Argentina; que chegou a ser preso num jogo contra o São Paulo, do Brasil, pela Libertadores de 2005, em que xingou o jogador negro Grafite.

Outras casos deste tipo acontecem na Europa constantemente, principalmente com a torcida da Lazio, da Itália, que tem entre seus torcedores neo-nazistas. Outro caso recente que repercutiu mal foi envolvendo o atacante uruguaio do Liverpool, Luisito Suárez; e o senegalês Patrice Evra, do Manchester United.

Brasileiros como o ex-lateral esquerdo da Seleção, Roberto Carlos, já sofreram com o racismo. Roberto Carlos chegou a abandonar uma partida de seu time, o Anzhi, da Rússia; em que um torcedor do Krylya Sovetov jogou uma banana para provocá-lo.

No final de 2011, o presidente da Fifa, Joseph Blatter; chegou a declarar que não existia racismo no futebol, no que foi apoiado pelo ex-ministro Extraordinário dos Esportes no primeiro governo Fernando Henrique, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé.



São Benedito, Padroeiro do Campos A. A.

A luta contra o racismo e a quebra de todos os preconceitos da época, ao escalar um time praticamente com todos os jogadores negros como já foi relatado, não poderia ser esquecido na hora de escolher o padroeiro do clube. São Benedito foi o escolhido, sem maiores discussões a respeito do assunto pelos associados.

Na época o santo era o único santo negro da igreja católica, precedendo a Padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida. Além disso, havia vários devotos de São Benedito no clube, entre eles, o presidente Jovino Gomes, que foi quem sugeriu a escolha.

A partir daí, o santo negro, de origem africana, que viveu e morreu na Itália no século XVI, foi definido como o santo padroeiro do clube. Mas ainda hoje, não existe nenhuma referência ao fato no Estádio Ângelo de Carvalho.

Outra coincidência é que se comemora o dia de São Benedito no dia 5 de outubro, mesmo mês de aniversário do Campos, que é de 26 de outubro.



Leão da Coroa

Depois de usar o campo onde na contemporaneidade se encontra instalado o Jardim do Liceu, o Campos passa a utilizar para seus jogos uma área alugada atrás da caixa d'água, próximo à beira do Rio Paraíba do Sul, junto ao campo que pertencia ao Lacerda Sobrinho, outro clube tradicional do futebol amador de Campos, carinhosamente conhecido por sua torcida como "Lacerdinha".

Hugo de Campos Soares, que foi jogador de futebol – foi campeão do primeiro campeonato profissional de Campos em 1952 pelo São José (de Goitacazes) e jogou nos aspirantes do Botafogo; confirma esse dado em artigo de jornal que está nos anexos deste livro.

Depois o Campos se transfere para a Rua Rocha Leão, conforme nos explicita o torcedor folclórico, Hamilton Deodato, o Bedeu, mestre de bateria de vários blocos e escolas de samba de Campos.

O **Jornal Monitor Campista** em sua edição do dia 13 de setembro de 1932, confirma que dois dias antes, um domingo, o Campos inaugurou seu campo na rua Rocha

Leão, onde o Americano levantou o título de campeão de 1915. Na comemoração, foram disputados dois jogos: uma preliminar entre Luzo e Leopoldina e o jogo principal entre Campos e Rio Branco.

As partidas foram dedicadas ao então prefeito de Campos, Antonio Pereira Amares e à Colônia Portuguesa. A festa foi apresentada pelas bandas musicais Lyra de Apollo e Operários Campistas. O time fica conhecido como o "Leão da Coroa", uma referência ao bairro, que tem o nome oficial de Sumaré, mas é mais conhecido por Coroa pelo fato de numa enchente que houve em Campos na década de 1960, o único lugar que não ficou inundado que não ficou inundado foi o bairro do Sumaré, localizado à beira do Rio Paraíba do Sul e que visto de cima parecia uma coroa, daí ficar conhecido por bairro da "Coroa", segundo relato do jornalista Jualmir Delfino.



Roxinho da Leopoldina

O Campos inaugurou no dia 29 de julho de 1951 a Praça de Esportes no Parque Leopoldina. O nome do bairro é uma homenagem à Estação Ferroviária e aos trabalhadores da Ferrovia (Leopoldina Railway) que se constituíam como maioria no populoso bairro. A inauguração se dá durante um amistoso contra o Botafogo. Detalhe que nos dias que antecederam o jogo, a imprensa noticiou a vinda de Nilton Santos, então chamado Santos e que disputou a Copa do Mundo de 1950, no Brasil. A expectativa foi frustrada.

O estádio foi construído com ajuda de torcedores roxinhos apaixonados que doaram tijolos e ajudaram na obra, de acordo com Carlos Alberto Gomes Lima, conhecido popularmente como "Redondo". Na época o presidente do clube era Jorge da Paz Almeida.

Segundo OURIVES (1989), a área do terreno foi doada pela Câmara Municipal de Vereadores, fato desmentido

por Redondo. "Aquele área deveria ser transformada em uma praça pública, mas nos foi doada pelo prefeito da época, José Alves de Azevedo, para a construção do estádio. Depois veio a iluminação e o alambrado, que veio através do também prefeito Rockefeller de Lima. A área onde hoje fica a Baleeira, também era nossa, mas nunca ninguém se interessou pelo local para ampliar o clube". Ele afirma que o Estádio do Campos era conhecido como "O Estádio dos Ventos Uivantes", alusivo aos ventos fortes dentro do campo. Mais tarde o Estádio receberia o nome de Ângelo de Carvalho, homenagem justa ao fundador do clube. O Estádio fica na Avenida Alberto Torres, no Parque Leopoldina. O então "Leão da Coroa" passa a ser chamado "Roxinho da Leopoldina".

O Campos A. A. fica conhecido como "Campo do Campo", de tanto as pessoas falarem: "campo do Campos", que foi abreviado para "Campo do Campo", sem a letra "s" no final. Um neologismo que se tornou popular e acabou ficando na mente das pessoas.



Amadorismo versus Profissionalismo

O futebol profissional em Campos deu os seus primeiros passos no ano de 1952 quando a Liga Campista de Desportos (LCD) adotou o profissionalismo se filiando ao Departamento Estadual de Profissionais (D.E.P.) da Federação Fluminense de Desportos (F.F.D.). O primeiro campeão campista de profissionais foi o São José, de Goytacazes.

A prática do suborno já existia neste período clássico do futebol e o ex-dirigente Jorge Chinês afirma que era comum na época do amadorismo, os jogadores se “venderem”, com o intuito de facilitar a vitória dos adversários, principalmente em jogos decisivos. Este fato foi confirmado pelo ex-jogador Bimba, que, no entanto, prefere manter os nomes dos jogadores em sigilo, apesar de admitir ter sido testemunha do fato, nas decisões dos títulos de 1954 e 1955. O capitão do time campeão campista de 1956 disse que passou por momentos difíceis, quando “O

Antigo Leão da Coroa” chegou às finais e perdeu o título.

Jorge da Paz Almeida acompanhou de perto a passagem das equipes do amadorismo para o profissionalismo e destaca uma evolução no futebol a partir daí. “A grande vantagem do profissionalismo é que o jogador teve que se posicionar. Eram freqüentes na época do amadorismo, os jogadores de equipes contrárias se reunirem às vésperas dos jogos para festas de confraternização, ou qualquer tipo de atividade social. No profissionalismo essa prática foi deixada de lado”.

No período do amadorismo, era uma prática normal a “contratação” de jogadores, que se destacavam em equipes de menor poder aquisitivo, para atuar nos grandes clubes. Como o futebol não era profissional, se utilizava da colocação profissional de atletas, em bancos, usinas e no comércio em geral, como forma de gratificação salarial.

Esses atletas recebiam regalias, como a dispensa de horários rígidos, para que pudessem se empenhar nos treinamentos diários. Essa prática era usada, principalmente nos clubes ligados às principais usinas de Campos, como Cambaíba, Sapucaia e Paraíso, além de Americano e Goytacaz, que tinham forte ligação com o comércio em geral. A essa prática se dava o nome de semi-profissionalismo.

Nos clubes sustentados pelas usinas, os funcionários trabalhavam em setores burocráticos e os treinamentos eram realizados em horários alternativos. Nos demais clubes, eles se dedicavam ao trabalho diário, em outras atividades, geralmente proporcionadas, por meio da influência dos dirigentes, que conseguiam bons empregos para o complemento salarial dos melhores jogadores da época.

Capítulo 03





As rivalidades com os clubes locais

Campos era destaque no cenário nacional, não apenas pelos craques revelados, mas principalmente pela estrutura que sempre apresentou em termos de organização esportiva. A cidade era uma das poucas do interior do país a organizar competições profissionais e isso ajudou a criar uma rivalidade, que ainda existe na contemporaneidade, mas que começa a ganhar ares de saudosismo, com a decadência dos clubes.

Apesar de existir na época uma rivalidade ferrenha entre as demais torcidas, o Campos Atlético Associação se encontrava sempre como o segundo clube de cada torcedor, ganhando assim a simpatia das três maiores torcidas de Campos, o que é citado por Pêris Ribeiro como um ponto a mais para o roxinho.

“O Campos se destacava entre os demais, por ter naquela época a simpatia popular. Era um clube aguerrido e organizado em sua estrutura. Por isso praticamente todos

os outros torcedores tinham certa simpatia pelo Campos. O clube sempre foi o segundo, dos torcedores do Americano, Rio Branco ou Goytacaz, que eram considerados os grandes clubes do futebol campista neste período”. No entanto isso não evitava o crescimento de uma rivalidade com essas agremiações.

A rivalidade entre os clubes campistas era tamanha, que por muitos anos se refletiu nos salões de baile e principalmente no período de Carnaval quando as torcidas dos clubes campistas se empenhavam na formação de blocos de salão, com as cores do seu clube de coração. Era apresentado nesses dias, nas ruas de Campos, a mesma efervescência que esses fervorosos torcedores dos clubes campistas, apresentavam ao defender as cores da paixão por seu clube nas arquibancadas, sempre lotadas em dias de clássico.

As associações de futebol de Campos dos Goytacazes tinham como anexos blocos carnavalescos, como o **Você Me Acaba**, do Campos, o **Mosqueteiro da Baixada**, do Americano e o **Mama na Burra**, do Goytacaz.



Campos x Goytacaz

A rivalidade entre o Campos e o Goytacaz é antiga. O Leão da Coroa e O Leão da Lapa faziam o clássico mais antigo da cidade, chamado “Clássico Vovô”. Um fatídico jogo envolvendo as duas equipes ficou conhecido como o jogo da macumba. Quem conta a história é Jorge Chinês: “o Campos foi jogar com o Goytacaz. O roxinho perdeu e reclamou de uma suposta macumba e da chuva. As equipes voltaram a se enfrentar e o Campos venceu. No Carnaval o bloco de críticas do time, o ‘Você Me Acaba’ usou uma alegoria de um jogador do Roxinho fazendo um gol com a frase ‘Não teve lama nem Macumba’”.

Jorge da Paz Almeida lembra com saudades deste período, onde segundo ele, havia críticas aos momentos vividos dentro de campo, através dos blocos representativos de cada clube. “No Carnaval saíam os temas críticos que aconteceram durante o ano, servindo de chacota para os torcedores”.

O **jornal Monitor Campista** publicou na sua edição de 31 de maio de 1956, que “O Campos sempre valorizou muito a sua peleja contra o alvi-anil. Sua presença no campeonato

tem um motivo: conquistar o título, mas se isso for impossível, o roxinho ficará satisfeito se romper pelos dois turnos sem perder ponto para o Goytacaz.” No dia 12 de junho do mesmo ano, o **Monitor** trata do clássico que abriria o Campeonato de Profissionais como “a sensacional luta”. Segundo o jornal “O Roxinho mantém viva a sua grande rivalidade com o Goytacaz. Não há época nem condições para triunfar sobre o valoroso antagonista [...] Contra o alvi-anil qualquer compromisso é um compromisso de honra.” Na mesma edição, a consideração de que “O Goytacaz [...] sempre levou muito a sério seus encontros com o Campos, pois sabe de que maneira é olhado pelo adversário”.

No dia 23 de setembro de 1956, a terceira página do **Monitor**, lembra: “O Campos prefere perder um campeonato a perder um jogo para o Goytacaz.”. Escrita: dificilmente o alvi-anil ganha do Campos duas vezes num só certame”. Na terceira página do mesmo jornal, no dia 16 de fevereiro de 1957, está dito: “A peleja Campos x Goytacaz constitui o mais antigo ‘clássico’ do futebol campista. “Antes de surgir o Americano, os prélios entre os dois clubes representavam a grande atração do ‘soccer’ local”.

A rivalidade de Campos e Goytacaz chegava ao ponto de torcedores dos dois clubes se declararem os mais populares da cidade, já que dividiam naquela época, a preferência

do torcedor campista, em detrimento de Americano e Rio Branco, que eram considerados pelos torcedores como os mais elitizados.



Campos x Rio Branco

A rivalidade de Campos e Rio Branco era ainda maior que a existente com os demais clubes, já que os postos de maiores de Campos, já estavam definidos para Americano e Goytacaz. Superar o Rio Branco representava para o clube se posicionar como o terceiro da cidade e isso alimentou por muitos anos a rivalidade entre os dois clubes nos jogos pelo Campeonato Campista

Um dos jogos mais empolgantes aconteceu no dia 03 de maio de 1932, debaixo de forte chuva, quando o Campos desfalcado e jogando com o seu segundo quadro perdeu para o Rio Branco pelo score de 7 a 0. O jogo tem 6 gols anulados, mas a imprensa da época não define de quem seriam esses gols.

No dia 09 de julho de 1950, o Rio Branco venceu o Campos pelo placar de 4 a 1, num jogo em que o Campos teve

três pênaltis marcados a seu favor, mas desperdiçou dois deles.

Em 15 de outubro de 1976, o Campos foi derrotado pelo Rio Branco por 3 a 1, no jogo extra que definiu o adversário do Sapucaia na final do Campeonato Campista de Juvenis de 1976. O time roxinho formou com: Jânio, Waldo, Rosivan, Nivaldo e Robertinho; Gérson, Pedro Sérgio (Ronaldo) e Tatalo; Renato, Zé Antônio e Joãozinho.

Em 2009, Campos e União Nacional, time que representava o Rio Branco no Campeonato Campista, organizado pela Liga Campista de Desportos (LCD), se enfrentam nas finais das categorias infantil e juvenil.

O União Nacional (Rio Branco) vence no juvenil nos pênaltis após empate em 3 a 3 no tempo normal, em que um jogador do Campos a mais é expulso e o Campos tem um gol anulado. No infantil, o Campos perde pelo placar de 1 a 0 com gol já no final da partida. Com isso, o Campos perde a oportunidade de ser bi-campeão nas duas categorias.

Ainda em 2009, o Campos, em parceria com o Rio Branco, representa a equipe da Liga Campista de Desportos, que disputa o Campeonato Estadual do Rio de Janeiro de Ligas Municipais e fatura o título.

Mas, apesar destas derrotas, o Campos tem várias vitórias históricas contra o Rio Branco, como na final do Cam-

peonato Campista de 1924, em que venceu o adversário pelo placar de 3 a 2 e ficou com o título. E na reta final da campanha para o título de 1918, na qual goleou o adversário por 4 a 1.

O Rio Branco sempre foi um adversário difícil de se bater pelo Campos. Assim como o Roxinho complicava as coisas para o Goytacaz, que considerava como o maior rival, o Róseo-Negro também não facilitava as coisas para o Campos, certamente na tentativa de mostrar quem era maior.



Campos x Americano

Com o Americano a rivalidade era um pouco menor, já que os dois clubes eram considerados os mais próximos, entre os quatro que disputavam os torcedores da cidade. Não apenas uma proximidade física, mas também em termos pessoais, já que em várias oportunidades, convênios foram firmados entre os dois times, culminando com a proposta de fusão. Até mesmo dirigentes os dois clubes compartilharam. Entre eles, Alceu Teixeira, que teve papel importante nas duas agremiações. Esses fatores ameniza-

ram um pouco a rivalidade entre os dois clubes.

A edição do Monitor Campista de 13 de março de 1932, acerca de um jogo amistoso entre o Campos e o Americano alertava: “sempre que se encontram essas duas esquadras, há sempre um jogo movimentado.”

“Os encontros entre os dois ardorosos adversários na hora da luta, revestem-se de animação e interesse. Ambos fortes, ambos decididos, ambos dispostos ao máximo ardor da peleja, cada qual se empenha pela victoria. Basta isso para que se tenha um jogo sensacional.”



Campos x Times das Usinas

Outros adversários difíceis para o Campos eram os times das Usinas São José e São João. Já o Paraíso, também time de usina, de Tócos, sempre foi um tradicional “freguês”, tanto que foi o vice na conquista do título de 1976.

Em relação ao Sapucaia, em 1971, houve uma polêmica com o técnico rubro-negro Hélvio Santafé, que afirmou que não acreditava em “zebra” no jogo contra o Campos, no que o técnico do Roxinho, Eugênio Manhães retrucou.

Os principais títulos conquistados



O título de 1918 com jogadores negros



Em 1918, existia uma rivalidade do futebol de Campos dos Goytacazes com Vitória-ES e Niterói-RJ. Para acirrar a disputa entre os clubes das cidades, eram disputados amistosos e taças comemorativas, como a Taça Nilo Peçanha, uma das mais tradicionais, que serviam para motivar o torcedor.

O Monitor Campista não dá grande destaque à conquista do Campos. Apenas uma nota de oito linhas em uma coluna de 3x3 cm. O jornal na época era dividido em 7 colunas. O jogo final foi realizado no dia 22 de dezembro de 1918 e o Campos venceu o 15 de Novembro pelo placar de 2 a 1. Antes, o Campos havia goleado o Rio Branco pelo placar de 4 a 1. E havia também goleado o Goytacaz pelo placar de 4 a 0.

A campanha de 1918 é a seguinte: 02/06- Campos 1 x 2 Rio Branco, 23/06- Campos 1 x 1 Lacerda Sobrinho, 14/07- Campos 4 x 0 Goytacaz, 18/08- Campos 2 x 0 15 de Novembro, 26/08 Campos 4 x 1 Rio Branco, 22/09- Campos 2 x 1 Lacerda Sobrinho, 06/10- Campos 2 x 1 15 de Novembro.

Mostrando força nos anos iniciais



Em 1924 mais um título. A secção esportiva do jornal Folha do Commercio considera o foot-ball um sport violento. Como o jornal **Monitor Campista** não circulou neste ano, não tivemos acesso a muitas notícias sobre o certame. Paulo Ourives registra em seu livro que o último jogo do campeonato foi entre os rivais Campos e Rio Branco. E o Campos saiu vencedor pelo placar de 3 a 2, sagrando-se campeão daquele ano.

Disputaram o campeonato times que depois sumiram, como o Paladino AC. Num jogo que terminou com o mesmo placar a favor do Campos e que ocorreu no dia 11 de maio de 1924 no Estadinho da Rua São Bento, o Americano teve em seu time Soda, jogador da Seleção Brasileira.

A base do time do Campos neste ano foi formada por: Evaristo, Ademar Negrinhão, um dos melhores jogadores do time e Joca; Ildefonso, Chrisolino e Santinho; Nelson, Clenorio, Capitão, Wandycck e Canhoto.

A bela campanha em 1932: Os Mulatinhos Rosados



Em 1932, o Campos começa a temporada com uma goleada de 4 a 1 num amistoso contra o Athletico. Na Taça Azevedo Cruz, disputada em homenagem ao **Monitor Campista**, os "mulatinhos rosados"¹² vencem o Rio Branco de Petrópolis, no campo do Goytacaz pelo placard de 7 a 0. **O Monitor** enaltece a conquista do time roxinho: "O Campos num de seus grandes dias lembrou suas glórias passadas, suas lutas gigantescas, quando depois de enfrentar valentes adversários deixava o campo empunhando a bandeira da vitória"¹³.

O certame municipal é dividido em razão da dissidência existente entre os clubes filiados à ACEA (Associação Cam-

12. Termo utilizado pelo cronista do Jornal Monitor Campista para designar os jogadores do Campos. O mesmo termo foi utilizado para designar os jogadores do The Bangu Athletic Club. Não se sabe ao certo qual time ganhou o apelido primeiro. No livro "Nós é que somos Banguenses" está descrito que foi em 1932, mesmo ano do Campos, que os jogadores do Bangu começaram a ser chamados de mulatinhos rosados. A obra de Carlos Molinari (2004) e que está disponível on line no site do clube, cita um jogo especial contra o Vasco em 1932, que pode ter sido o primeiro jogo em que o termo "mulatinhos rosados" foi usado.

13. Monitor Campista, 26 de janeiro de 1932.

pista de Esportes Atléticos). De um lado ficaram Campos, Americano e Rio Branco. Do outro, Goytacaz, Athletico e América. Acerca do conflito, O **Monitor Campista** divulgou uma carta secreta contendo fortes agressões à ACEA. A conclusão do jornal é a de que 'o tempo é mau no sector de sport'¹⁴.

A Liga Campista de Futebol cria uma comissão de propaganda, constituída por Roberto Findlay, Antonio Carlos Nascife, Prisco de Almeida, Dr. Alcindor de Moraes Bessa e Antonio Alvarenga Filho. A Liga se filia à AFEA (Associação Fluminense de Esportes Atléticos). O cronista esportivo do Monitor Campista, Prisco de Almeida publica um artigo, onde usa o termo "defunta" para definir a ACEA. Para ele a entidade "impedia o progresso do sport". O encarregado da secção esportiva da **Folha do Commercio**, João de Oliveira, afirma que "o **Monitor Esportivo** não tem autoridade para aconselhar"¹⁵. A polémica continua e Prisco rebate advertindo que "a secção esportiva não aconselhou. Opinou." E acrescenta: "Opinar é dever da imprensa"¹⁶. O jornalista, adepto da Liga Campista de Futebol, em outro artigo encer-

14. Monitor Campista, 04 de março de 1932.

15. Monitor Campista, 08 de março de 1932.

16. Monitor Campista, 11 de março de 1932.

ra a querela com João de Oliveira sugerindo que ele “fique quietinho” porque os “lesados não de aparecer um dia para a reclamação dos seus direitos” e termina oferecendo “um beijinho nas crianças”¹⁷.

A divisão na entidade faz com que clubes criados nos subúrbios da cidade, passem a postular a possibilidade de participação em competições importantes. Neste instante aparecem equipes como as do Vicente Nogueira e o Marinheiros, que passam a compor o rol de clubes na competição. O Campeonato da ACEA é disputado por Campos, Americano, Luzo-Brasileiro, Leopoldina, Bayne A. C. e Imbetiba F. C., de Macaé (os dois últimos formados por empregados da Leopoldina Railway). Na competição organizada pela Liga Campista de Futebol jogam além de Goytacaz, Atlético e América, Futurista, Itatiaya, Alliança, C. Bittencourt, Lyceu, Palestra Itália, Ypiranga, Commercial F.C., S.C. Brasil, Fla-Flu, Botafogo, 24 de Outubro, Estrella, River, São Christovam e Cruzeiro. O Campos é campeão pela ACEA e o Goytacaz pela LCF e o título de 1932 fica dividido entre os dois clubes. A equipe base do Campos Campeão Campista de 1932 foi formada por: Augusto, Virgílio e Tadeu, Olavo, Breno e Chrysolino; Vasinho, Rebite, Amaro, Toquinho e Roque.

17. Monitor Campista, 16 de março de 1932.



Conquista histórica de 1956 em cima do Goytacaz

O Campos teve um início promissor na temporada de 1956. O time venceu alguns amistosos e passou a ser considerado uma equipe “pesada”, com grande força física e por isso mesmo uma das favoritas para a disputa do Campeonato de Profissionais. Em outros termos, o Roxinho também era considerado “lutador e voluntarioso” Prejudicado pela tabela, o Campos estreou perdendo para o Goytacaz por 2 a 1, no Estádio da Cidade. Mas no final, sagrou-se campeão em cima do próprio Goytacaz, ao vencer por 1 a 0 no Estádio Ari de Oliveira e Souza, com um gol marcado por Ipojuacan de cabeça.

O jornal **Monitor Campista** publica a escalação da Seleção Campista pelo técnico Antônio Pires para disputar uma partida com o quadro do Ypiranga: Rodoval (Batata-tis), Oriovaldo e Gerson; Jair, Ualdo e Rubinho; Sardinha (Jorcelino), Lucas e Gutemberg (Luizinho), Santana e Banjo. Nenhum jogador do Campos é convocado. O time anfitrião

vence o time visitante por 7 a 0. Com a mesma formação a Seleção Campista vence o Serrano, de Petrópolis, por 3 a 0.

O Campeonato Campista de 1956 é interrompido. A cidade recebe a Seleção Fluminense que enfrenta a Seleção Goiana. Com o empate entre Americano e Goytacaz, o Campos assume a liderança do Campeonato. O Goytacaz perde a invencibilidade ao perder para o São José, no Estádio da Vitória. No dia 06/02/1957 - "Muita gente julga o maior 'apetite' do Campos uma causa do empate. Como se o roxinho modificasse o seu modo de atuar. O quadro local empregou o seu entusiasmo costumeiro. É claro que em dose maior em correspondência ao valor do prêmio. Como é um quadro de físico avantajado levou sempre a melhor no corpo a corpo"

Outra notícia: "Um time que precisa ganhar porque só a vitória lhe interessa não pode vencer nunca, quando o juiz favorece o empate ao adversário, nas condições em que o Sr. Silvestre Rosa criou o lance para o empate do Campos. Surgiu ele de um escanteio inventado, que, desapaixonadamente, ninguém seria capaz de dizer que houve." No dia 22 de janeiro de 1957, destaca-se a má vontade do cronista do **Monitor Campista** com o time roxinho. Mais uma vez é desvalorizada a vitória do Campos, que é atribuída à ajuda do árbitro José Carlos Pinheiro.

No dia 7 de fevereiro de 1957, o **Monitor** destaca a pre-

sença do Vasco da Gama, de Bellini, em Campos dos Goytacazes. O 'Papão da Colina' enfrenta um combinado de Americano e Goytacaz, no 'estadinho' da Rua São Bento. "A partida termina empatada em 1 a 1, gols de Gutenberg e Roberto". No dia 12 eis a notícia: "Campos e Goytacaz, o mais antigo clássico da cidade'. Embalado o Campos - O Campos vai entrar na 'melhor de três' embalado. Nunca houve tamanho entusiasmo nas hostes do 'Roxinho'. Noticiava, também, que "Nunca entrou o Goytacaz numa 'melhor de três' decisivas de título com tamanho receio. O time alvi-anil está sem confiança em si mesmo"

No dia 15 de fevereiro de 1957, o cronista lembra-se das presenças do técnico roxinho, Laert Lopes, nas outras duas 'melhores de três' em que o Campos perdeu para Americano e Goytacaz. Uma vez como árbitro e outra como técnico. O cronista também expõe a impressão geral dos 'catedráticos', que consideram a primeira partida como a chave do sucesso de uma das duas equipes. Para os catedráticos, o time que vencesse a primeira venceria a segunda, sem necessidade da 'negra'.

No dia 21 de fevereiro de 1957, na terceira página do **Monitor Campista** os catedráticos afirmavam que o roxinho não conseguiria ser campeão se deixasse o Goytacaz ir à negra. A seguir a cronologia da final. As notícias aparecem

sempre na terceira página. Em 23 de fevereiro destacou com o título Escrita: Na única vez que os dois clubes entraram numa 'melhor de três' para decidir o título aconteceu o seguinte: o Campos ganhou a primeira partida, no 'estádio da Cidade' de dois a um, perdeu a segunda de dois a zero, no 'Estádio Ângelo de Carvalho' e perdeu o título para o adversário na terceira, na 'Praça de Esportes Vicente Nogueira, no Queimado'.

No dia seguinte: "Existe mesmo uma crença em torno do sucesso do antigo 'Leão da Coroa', que tem a seu lado as torcidas dos demais clubes locais". Mas, devido ao Carnaval, a negra é marcada para o dia 17 de março de 1957. Em 10 de março, o jornal continua a promover o jogo: "Segundo a 'escrita que se propala o Goytacaz não perde 'melhor de três', nem que tenha de jogar quatro vezes". E lembra que Os dois clubes ficam vigilantes. Querem evitar que os '*players*' se desgastem na festa do Momo.

Na edição de 16 de março, o objetivo é o mesmo: "O Campos não admite o favoritismo do Goytacaz e acredita cegamente nas suas possibilidades"; e no dia seguinte anuncia o cancelamento do jogo, em virtude da negativa do presidente da LCD, Gentil Gomes, em liberar as dependências do Godofredo Cruz para a exploração comercial do Americano, dono do Estádio. Sem acordo, o presidente do clube alvi-negro,

Antônio Manhães resolve cancelar a partida. Mas assinala: “Os jogadores do Campos pediram ao seu presidente para evitar o sorteio dos dois campos dos clubes disputantes, com receio de que seja indicado o estádio Ângelo de Carvalho, onde julgam que dão azar em pelejas decisivas de campeonato.” A notícia é desmentida pelos jogadores. Redondo, filho do presidente Jovino Gomes, argumenta que seu pai teria dado um golpe no Goytacaz, quando do sorteio. Redondo afirma que seu pai teria dito que “O Campos ganharia o Goytacaz dentro do Estádio da Rua do Gás”

No dia 21 o **Monitor** divulga: “Julgam os ‘*player*’ do Goytacaz que o título de campeão de 1956 cada vez se aproxima mais da Rua do Gás”. No dia seguinte, salientam: “O Goytacaz está certo do triunfo. O ambiente nas hostes do alvi-anil é de vitória. Já estão sendo preparadas grandes festas para comemorar o bi-campeonato”.

No dia 29, depois de dizer, no dia 24, que a “Turma do Campos está muito animado para o confronto e dificilmente será batida”, publica: “O alvi-anil insiste em local neutro. O roxinho prefere o sorteio entre as duas praças de esportes dos clubes preliantes. Prevalece o ponto de vista do Campos. Feito o sorteio, foi indicado o ‘Estádio da Cidade’, que será assim o local da sensacional pugna”.

“Uma bola vinda da esquerda foi cabeceada por Batista

para o arco. Quando Neilton se preparava para fazer a defesa, surgiu Ipojucan e desviou o couro para as redes do guarda-vala alvi-anil". Eis a narrativa do gol da partida. Acerca do tento da vitória do Campos no primeiro jogo contra o Goytacaz, o cronista esportivo do **Monitor Campista** diz: "Surgiu de um escanteio mal cobrado por Artuzinho.

- O tiro saiu rasteiro, mas Rubinho falhou na rebatida. O couro subiu e apanhou efeito para dentro do seu arco. Correu sobre o travessão e caiu do lado direito da meta de Neilton, na cabeça de Ipojucan. O centroavante do quadro visitante só teve o trabalho de dar um 'cumprimento'. Estava construído o triunfo do Campos – conta-nos o cronista do Monitor.

Sobre o desempenho do time roxinho, o cronista esportivo analisa: "Seu quadro, embora sem contar com o mesmo brilho das figuras salientes em jornadas passadas, jogava o seu jogo, inspirado na segurança do 'pivot' Batista, no centro da 'cancha', na movimentação de Hélio e no deslocamento de Ipojucan".

Diz, ainda, que "Onildo foi um arqueiro sem pecados. No final da pugna apareceu sensacionalmente em três grandes defesas". Depois do honroso título, o escrete roxinho sofre dois reveses em Itaperuna, um para o Comércio Indústria e outro para o Unidos, ambos pelo marcador de 2 a 1.

O craque do time era Bimba, que morreu meses depois de conceder entrevista para este trabalho. Ele faz questão de dividir com os demais jogadores, as glórias conquistadas. “O Campos nesta época estava preparado para tudo. Nós tínhamos uma comissão técnica muito boa e os jogadores se empenharam nos treinamentos. O trabalho duro, que começava às 4 horas da manhã, com os treinos individuais, se estendia até à noite com os coletivos, que levaram o time ao título”

O goleiro Onildo foi um dos responsáveis pela conquista, que segundo ele, só veio em razão da troca de treinador e a chegada de reforços. “Nosso time começou a competição com três derrotas e a mudança de treinador, foi fundamental para a conquista do título. A saída de Zé Banana para a entrada de Laert Lopes fez uma completa reformulação no time e principalmente na maneira de jogar, com maior toque de bola. Mas tudo isso ele conseguiu com muito treinamento. A chegada de jogadores como Batista, Neném, Ciatiel, Hélio, Carrasco, Jorge e Ipojucan, que vieram reforçar o time, foi importante para melhorar o rendimento”.

Para o jornalista Pérís Ribeiro, o título de 56 pode ser considerado um dos mais emocionantes da história do Campos, já que foi conquistado contra aquele que era considerado o maior vencedor da década de 50, que era o Goytacaz. “O título de campeão campista de 1956, foi imortal, histórico

e tudo mais que se possa falar. O Campos tinha um grande time, uma grande diretoria, presidida pelo Jovino Gomes, um goleiro monstruoso, que era o Onildo, que era o maior goleiro da região na época, quem sabe de todo o Estado do Rio de Janeiro. Goleiro de uma auto confiança tremenda e uma postura dentro do gol, que amedrontava o adversário. E tinha uma ala esquerda fantástica, formada por Bimba e Arturzinho”.

Para o meia direita Neném, um dos destaques da equipe campeã de 56, a união do grupo foi fundamental para a conquista. “O nosso time era unido e esse foi um dos fatores que levaram o Campos ao título. Mesmo no período de Carnaval, Laert conseguiu segurar a rapaziada em casa e isso foi importante para a conquista do título daquele ano”.

A comemoração se estendeu até o dia do amistoso com o Fluminense, que veio a Campos para a entrega das faixas, com o zagueiro Pinheiro e o artilheiro Flávio comandando a equipe das Laranjeiras. Nem mesmo a derrota por 5x0, tirou o brilho da festa dos torcedores do clube campista.

A comemoração se estendeu ao Cine Teatro Trianon, com a apresentação de cantora Ângela Maria, a “Sapoti”, que por muitos anos, foi considerada uma das maiores cantoras do país e que atraiu um grande público, pois a vinda de uma cantora de destaque a Campos era um fato raro, o que valo-

rizou ainda mais a comemoração dos roxinhos.

Nesta época em que o time viveu dias de glória, na década de 1950, tendo chegado a três finais de campeonato, o meu avô, Fernando Tavares Machado, chegou a disputar uma partida pelo time de aspirantes do “Roxinho” contra o São José, em Goitacazes. Fernando, portanto também está marcado na história como um dos participantes da trajetória vitoriosa do Campos Atlético.



Campeão Campista de Profissionais 20 anos depois

Em 1975, seis clubes profissionais de Campos participaram do Torneio Incentivo, válido pela chave Interior do Estado do Rio de Janeiro. O Campos estava na competição, junto com o Goytacaz, Rio Branco, Sapucaia, Paraíso e Cambaíba. Apenas o Vesúvio ficou de fora.

Dois jogadores se destacaram no Campos: o goleiro Gato Félix, eleito o craque da temporada e o médio Manoel, a

revelação. Votaram na seleção os cronistas esportivos, Péis Ribeiro e Josélio Rocha, de **A Notícia**; Luís Mario Concebida, do **Monitor Campista**; Ronaldo Corrêa Machado, da **Folha do Comércio**, Paulo Ourives de **A Cidade**; Eraldo Bento Siqueira e José Nunes da Fonseca, da **Campos Difusora**; Barbosa Lemos, Eraldo Leite, Luís Paulo Ribeiro e José de Souza, da **Rádio Continental** e Luís Cândido Tinoco, da **Rádio Campista Afonsiana**.

O título veio depois de um primeiro semestre difícil. Sem Paulo Henrique, que pediu licença do clube e fechou com o Goytacaz, o Campos conseguiu sua primeira vitória no segundo turno do Campeonato Campista de 1975, ao vencer o Sapucaia por 3 a 1 com dois gols de Manoel e um de Zé Neto. Nesse jogo, o Campos formou com Gato Félix: Sérgio, Xavier, Murilo e Fernando Gavião; Tita, Manoel e Emílson; Lauro e Calomeni (Anísio) e Zé Neto. Quem comandou a equipe foi Paulo Alcântara.

Na final contra o Paraíso, no estádio Godofredo Cruz, Ori marcou os dois gols da vitória do Campos por 2 a 0. "Campos é campeão ao vencer Paraíso por 2 a 0" foi a manchete da última página do **Monitor Campista** de 12 de junho de 1976. Na mesma data, com a manchete "Campos A. A. vence Paraíso e é o Campeão Campista", a **Folha do Comércio** comentou os gols do título: "Eram decorridos 38 minutos de

jogo, quando Fernando Gavião, aproveitando de uma falha de Charuto, escapou pela esquerda e cruzou. Ori penetrou e de cabeça inaugurou a contagem. Aos 38 minutos da etapa complementar, novamente Ori, escorando de cabeça um cruzamento de Joãozinho fixou o marcador em 2 a 0.”

Ver os grandes jogadores de Campos com a camisa do roxinho era uma constante e os torcedores não se esquecem deste período fértil no Parque Leopoldina. Mas Carlos Alberto Gomes Lima aponta um problema. “O Campos produziu grandes craques, mas como os rivais tinham maior poder aquisitivo, eles sempre tiravam os nossos principais valores. Mas todos eles continuaram torcendo pelo clube de origem”.



Os títulos regionais

Ainda em 1956, o clube viria a conquistar aquele que pode ser considerado o seu principal triunfo. O roxinho conquistou o Campeonato Fluminense de Profissionais, organizado pela Federação Fluminense de Desportos, que posteriormente viria a se fundir com a Federação Carioca de Futebol, para a criação da atual gestora do futebol do Estado,

a Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro.

Junto com o Serrano Futebol Clube de Petrópolis e o Co-roads Esporte Clube de Valença o Campos AA se classificou para as finais da competição, por ter sido o vencedor da Zona da Liga Campista, que pelo regulamento da competição, deveria decidir o título em um triangular com os campeões da Zona Centro e Zona do Vale do Paraíba. Esses jogos nunca aconteceram, por desentendimento dos dirigentes dos clubes finalistas, o que fez com que a Federação Fluminense de Desportos, finalizasse com a indicação do título para os três clubes.

O registro pode ser encontrado no site¹⁸ da Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro, que reconhece a divisão do título pelas três equipes. Até hoje a conquista é contestada por torcedores dos clubes adversários, que ainda teimam em não reconhecer a conquista do Campos à nível estadual.

Com a fusão do Rio de Janeiro com a Guanabara, as Federações dos dois antigos estados se uniram e com elas os títulos estaduais. Assim sendo, Manufatura FC, Campos AA, Americano, Goytacaz, Sapucaia, Barbará, Central, Eletrovapo, Fonseca, Barra Mansa e Adrianino são considerados

18. Disponível no endereço eletrônico: (<http://186.202.17.33/conteudos/a-federacao-fluminense.html>), acessado em 09 de outubro de 2012.

(oficialmente) campeões estaduais. Esses títulos, no entanto acabaram esquecidos pela história, já que em todas as estatísticas apresentadas oficialmente sobre a história do futebol fluminense, essas competições são ignoradas.



O amistoso contra o Palmeiras

Mas o maior momento que o Campos passou em sua história em termos de importância para registro na memória do torcedor viria a acontecer no ano de 1974.

O investimento pesado em jogadores com salários acima da média e o fato de a equipe estar de fora das finais do campeonato de profissionais, levou a diretoria a promover a vinda de um grande clube para jogar um amistoso na cidade contra o roxinho. A primeira opção foi o América que não aceitou o valor oferecido pelo clube. Surge a possibilidade da vinda do Santos de Pelé e do Vasco, que se sagraria campeão nacional daquele ano, mas quem aceitou foi o Palmeiras, bicampeão brasileiro e com jogadores que acabaram de servir a Seleção na Copa da Alemanha, como Leão, Luiz Pereira,

Leivinha e Ademir da Guia, entre outros.

A pretensão de trazer o Palmeiras a Campos já havia sido noticiada em 1968, seis anos antes da concretização, no Jornal "Folha do Comercio", em sua edição de 26 de março de 1968, que trouxe como manchete principal da terceira página: "Campos A. A. pretende trazer a nossa cidade, para um amistoso, o Palmeiras (misto)."

O amistoso foi cercado de uma grande expectativa, afinal não era comum que um grande time sem ser do Rio de Janeiro viesse a Campos para um jogo de futebol, pois só depois de alguns anos Americano e Goytacaz disputariam o Campeonato Brasileiro.

O presidente Petrônio de Freitas Leites chegou a solicitar apoio financeiro do prefeito José Carlos Barbosa no custeio da partida, o que não aconteceu. Alguns torcedores reclamaram do alto preço do ingresso e a direção do Campos argumentou sobre a pouca capacidade do Estádio Ary de Oliveira e Souza. O jogo foi realizado no dia do padroeiro da cidade, 06 de agosto.

O jornalista Pérís Ribeiro acompanhou de perto toda a preparação para o amistoso, que naquele ano, foi a principal atração esportiva da Festa do Padroeiro de Campos e por isso mesmo recebeu uma cobertura especial da mídia esportiva.

"Aquele amistoso teve um marco importante por trazer a

Campos o Palmeiras, que veio com a fama de ter conquistado competições importantes da época, como o bi-campeonato do Troféu Ramon de Carranza, um dos torneios de verão mais importantes da Europa, além de bi-campeão brasileiro e campeão paulista daquele ano. Metade daquele time disputou a Copa do Mundo de 74 e a torcida campista pôde ver todos esses craques de perto, aumentando a importância do amistoso, que entrou para a história, pois o Campos também mostrava alguns bons valores do futebol brasileiro, como o injustiçado Afonsinho, que por suas convicções políticas e de comportamento sempre foi discriminado pelos clubes do Rio de Janeiro, por lutar pelo passe livre para os jogadores de futebol, além de Brito, tri-campeão mundial no México. Esses jogadores ajudaram a valorizar ainda mais o amistoso”.

O “maldito” Afonsinho abriu o placar para o Campos aproveitando um cruzamento rasteiro de Ramon, pela esquerda. A atuação do roxinho surpreendeu o treinador palmeirense Oswaldo Brandão. O primeiro tempo terminou com a vantagem de um gol a zero para o time anfitrião. No segundo tempo com o cansaço de Brito e a saída de Afonsinho, o time convidado fez três gols em cinco minutos e goleou o anfitrião, que apesar da goleada, segundo noticiaram à época, mostrou um bom futebol.

Capítulo 04





O afastamento do futebol profissional

Segundo Jorge Chinês “o Campos sempre teve um tipo de ‘grupo guardião’, que comandava as ações quando a coisa ficava meio fora de controle”¹⁹. Ele se referia aos problemas administrativos que o clube enfrentou por todos esses anos, a maior parte deles em função de dificuldades financeiras, fator inerente a qualquer administração de clube social no país e principalmente nos clubes que mantinham o futebol como carro chefe, já que os gastos sempre se tornam maiores que a receita.

Dirigentes com maior poder aquisitivo sempre se fizeram presentes para contornar situações que poderiam resultar no declínio do status social do clube e principalmente do futebol profissional que sempre viveu da ajuda de abnegados, pois o roxinho nunca teve uma fonte de

19. Entrevista realizado no dia 18 de abril de 2008. Jorge Chinês morreu no início de 2009.

renda que pudesse dar a sustentação necessária para fazer frente aos clubes de maior investimento.

Um dos exemplos foi a promoção que trouxe a Campos o Palmeiras, que deixou um grande prejuízo financeiro. Mesmo com a grande divulgação do jogo, a arrecadação chegou apenas a 135 mil cruzeiros, o que deixou um prejuízo considerável à direção do clube do Parque Leopoldina, já que a taxa e o transporte da delegação do clube paulista passou de 120 mil cruzeiros. Apesar da importância da partida, que a diretoria imaginava poder ser o estopim de uma explosão meteórica do roxinho em direção às grandes competições nacionais, o amistoso se tornou um grande revés nas finanças do clube, que foi preterido na escolha do representante de Campos no Campeonato Nacional. Todos esperavam que aquela promoção pudesse ser a motivação para que houvesse um convite ao time do Parque Leopoldina.

Com a crise financeira, o clube iniciou o processo de decadência, que viria a eclodir no término do futebol profissional, passando a se dedicar às atividades sociais e recreativas, que vieram a ser o carro chefe das administrações que chegaram.

Por fim, em 1976, a diretoria do Campos enviou ofício à Federação Fluminense de Desportos, desistindo do Tor-

neio Integração, sob a alegação da inviabilidade de participação, já que os altos gastos com viagens para jogar fora de seu estádio, não poderiam ser arcados pelos próprios recursos. No dia 29 de setembro, o jornal Monitor Campista revela que a Federação Fluminense de Desportos se dispôs a antecipar a liberação de verbas para que o clube não se afastasse da competição, já que a saída poderia custar ao clube do Parque Leopoldina até um ano de suspensão. No dia 03 de outubro de 1976, o então presidente Alceu Teixeira confirmou a oferta da Federação: até 5 mil cruzeiros por jogo ao Campos para o clube continuar no Torneio Integração.

A crise financeira estava se instalando definitivamente no clube que a seguir seria multado em um mil cruzeiros pela Junta Disciplinar Desportiva, por não ter comparecido a Cardoso Moreira, que ainda pertencia a Campos – atualmente o antigo distrito é emancipado, no mês de julho para disputar um jogo contra a equipe local, válido pela Taça Cidade de Campos. No dia 15 de outubro do mesmo ano, Marcos Antônio de Freitas Leite, de 22 anos, é eleito o novo presidente do Campos. À época era o mais jovem presidente de um clube de futebol do Brasil. O vice foi Oswaldo Riscado. Na sua gestão é construída uma piscina no estádio Ângelo de Carvalho. O time principal

é esquecido por um tempo e é dada atenção especial aos times formados nas categorias de base do clube.

Freitas Leite, em entrevista realizada no dia 7 de setembro de 2008, avalia a situação do clube à época, como das mais difíceis. “Temos vários problemas que estamos tentando resolver, mas em função da complexidade das coisas, tem sido demorado. Mas nós continuamos na luta para tentar melhorar”. Ele admite até mesmo a possibilidade de um trabalho futuro com empresários, que poderiam investir para que o Roxinho volte a crescer. “Se houver essa possibilidade, ela vai ser vista com muito cuidado, pois sabemos do trabalho desenvolvido pelos empresários, que entram no futebol para ganhar, mas não podem esquecer que o clube também tem que ganhar com uma possível parceria no futuro”.

Presidente até 2008, César Salgado, esteve seis mandatos à frente do Campos, com três passagens pela presidência nos últimos anos. Desde 1987 no clube, ele passou por praticamente todos os cargos da diretoria, primeiro secretário, vice-presidente e presidente do Conselho Deliberativo. “Meu projeto é levantar o clube e estamos conseguindo aos poucos, colocar o Campos em seu devido lugar. Já conquistamos vários títulos com as categorias de base e nos nossos planos está a disputa de competi-

ções à nível estadual com esses jovens valores e quem sabe, trabalhar uma equipe que possa entrar na disputa do Campeonato Estadual da Terceira Divisão nas próximas temporadas”.

O clube foi dirigido por Márcio Reinaldo nos últimos anos, nos quais ficou com os vice-campeonatos do Campeonato Campista nas categorias infantil e juvenil em 2009. No mesmo ano, o Campos, representando a Liga Campista de Desportos, sagrou-se campeão do Campeonato Estadual de Ligas Municipais, organizado pela Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FEERJ).

Em 2012 assumiu como presidente Rodrigo Couto, que deu continuidade à ampla reforma- iniciada na gestão de Márcio Reinaldo - no clube, que ganhou nova pintura e, por intermédio do presidente do Conselho Deliberativo, Marcos Brito, firmou convênio com o Fluminense Football Club, do Rio de Janeiro, para um Projeto Sócio-Esportivo de escolinhas, que foi implantado.



Fusão: possibilidades rechaçadas

O Monitor Campista de 26 de setembro de 1976 noticiava a recusa do Campos em aceitar a proposta feita pelo ex-presidente da Federação de Futebol do Rio de Janeiro, Eduardo Viana, o Caixa D'água, e levada pelo conselheiro Jorge da Paz Almeida, sobre a fusão do clube com o Americano. O nome proposto por Caixa D'água seria *Americampos*. Jorge Chinês não concordou e sugere o nome *Campos-América*. Sem acordo, a fusão foi desestimulada.

Um dos dirigentes que participou das negociações e teve poder de decisão por ser membro do Conselho Deliberativo, que rejeitou a proposta, foi Noel José Ladislau, que também já exerceu o cargo de diretor de futebol do roxinho. Hoje ele avalia que a proposta deixaria o clube em uma situação melhor do que a que se encontra no momento. "A proposta de fusão foi feita pelo Americano, mas nós do Conselho Deliberativo, nos reunimos e não aceitamos, já que era o nome do Campos que estava

em jogo. Se o nome do Campos fosse mantido, talvez a proposta até fosse aceita, já que não era tão ruim uma fusão naquela oportunidade. Mas hoje chego à conclusão de mesmo que o nome proposto de Americampos fosse adotado, a situação hoje estaria melhor que a que se encontra no momento”.

Mas a ideia foi motivo de muitas críticas, principalmente dos mais tradicionais, que temiam pelo sumiço do clube, que segundo alguns, seria a parte mais fraca da fusão e que fatalmente sucumbiria diante de um clube mais forte, com uma maior torcida e principalmente com poderosos dirigentes, como o Americano. Essas discussões acabaram por inviabilizar o processo, que hoje é sentido por muitos, já que o clube não conseguiu mais se reerguer.

No aniversário de 92 anos do Goytacaz, Caixa D'água volta a sugerir uma fusão entre os quatro maiores clubes da cidade. Campos, Americano, Goytacaz e Rio Branco. A discussão é antiga e polêmica. A rivalidade entre os torcedores, principalmente os de Goytacaz e Americano, não permite a fusão. Um pouco de orgulho não deixa que os apaixonados do alvi-negro e do alvi-anil se unam sobre uma só bandeira, como era o desejo de grande parte da população naquele instante.

Com o Americano participando do Campeonato Nacional de 1975, ganha força a idéia da fusão entre Campos, Goytacaz e Rio Branco. Inicialmente muitos consideravam a idéia, por acreditar que ela poderia garantir a continuidade de clubes tradicionais, que já começavam a dar sinais de que não teriam condições financeiras para se manter.

Em 1977 também é ventilada a possibilidade de fusão do Campos com o Rio Branco, para que as duas equipes formassem a terceira força da cidade, já que Americano e Goytacaz estavam disputando os Campeonatos Carioca e Brasileiro.



A volta ao futebol profissional

Após 12 anos de inatividade, o Campos voltou ao futebol profissional. O clube disputou a Terceira Divisão de 1988, organizada pela Ferj. O time foi eliminado na primeira fase e ficou na última colocação. O time base formou com Adriano (Fiinho), Denis (Sivaldo), Fumacinha, Bolão e Almir; Robinho, Arroz e Serginho (Rogério); Mocotó (Reinaldo), Sabará (Édio Batista) e Turuca. O técnico foi Valter Barrica e o presidente Ricardo César. A campanha: 1 vitória, 4 derrotas, 1 empate, 5 gols pró e 9 gols contra. Os resultados foram: Cantagalo 1 x 0 Campos, Campos 3 x 0 Miracema, Campos 1 x 2 Olímpico, Miracema 2 x 0 Campos, Campos 0 x 3 Cantagalo e Olímpico 1 x 1 Campos. O detalhe é que a vitória a cada partida ainda valia dois pontos. A regra só veio a mudar no primeiro jogo da Copa de 1994.

Em 1989, o Campos voltou a disputar a Terceira Divisão de Profissionais. Na estreia, "O Antigo Leão da Co-

roa” perdeu para o Rio das Ostras por 2 a 1, fora. Os dirigentes reclamaram da arbitragem de Aluísio Felisberto da Silva. Especularam no clube, as contratações de Sérgio Nunes, ex-Americano e Edinho, que seria emprestado pelo Goytacaz.

No segundo jogo, no Ângelo de Carvalho, o Campos goleou o Teresópolis por 4 a 1. O roxinho fez 3 a 0 no primeiro tempo. Na terceira partida, o Campos arrancou um bom empate em 1 a 1 com o Saquarema, fora. O time da casa saiu na frente mas Turuca empatou no final. No jogo seguinte contra o Cantagalo, o Campos venceu por 2 a 0. Arroz, de pênalti e Turuca, ambos no segundo tempo, marcaram para o roxinho.

Na quinta rodada, o Campos empatou sem gols com o Miracema, fora. Na estréia de Edinho, o Campos passou fácil pelo Cruzeiro de Pendotiba. Placar final: 3 a 0, com gols de Turuca, Reinaldo e Edinho. O Campos encerrou o primeiro turno com duas derrotas. Uma fora para o São João e outra, em casa, para o Canto do Rio, ambas por 1 a 0.

Na segunda fase, o time ficou em segundo lugar num grupo de três e foi eliminado. Na expectativa da desclassificação do Rio das Ostras, a diretoria dispensou alguns jogadores, que reclamaram o pagamento de salários atrasados na justiça. O time base foi formado por Rubinho

(Stênio), Serginho (Sérgio Nunes), Didico, Bolão (Arroz) e Zé Luis; Mica, Mocotó e Vanderlei Palhinha; Luís Cláudio (Valdenir), Reinaldo (Rogério) e Turuca (Edinho). O técnico novamente foi Valter Barrica e na campanha: 10 vitórias, 4 empates e 6 derrotas.



Títulos nas categorias amadoras

Em 2008, o Campos se sagrou Campeão Campista nas categorias infantil e juvenil. Com muita luta, as equipes comandadas pelo técnico Randal Turrini conquistaram os títulos das categorias de base. Um alento para os próximos anos. O Campos sempre foi formador de jogadores. Noel Ladislau confirma que em 1975 o clube cedeu cinco jogadores para o Americano disputar o Campeonato Brasileiro.

Em 2009, o Roxinho conquista o título do Campeonato Campista na categoria feminino. No mesmo ano, o time do Campos, representando a LCD, conquista o Campeonato Estadual de Ligas Municipais do Rio de Janeiro, organizado pela FFERJ. No ano anterior, o time já havia sido campeão da Região Norte Fluminense na mesma competição.

O clube passa a apostar nas divisões de base, na esperança de se tornar um revelador de craques como já acontecia no início de sua história. Por isso, mesmo fora das competições adultas, os vários dirigentes que passaram

pelo clube nas últimas décadas do último século, nunca abriram mão de buscar novos talentos, que trariam benefícios para o clube, mas principalmente para a comunidade, com um importante trabalho social que passou a ser desenvolvido no Estádio Ângelo de Carvalho.

O presidente da gestão 2007/2009, César Salgado, disse em entrevista realizada no dia 7 de setembro de 2007, que pretendia levar o Campos A. A. novamente à disputa da Terceira Divisão. César também defende uma competição local com os principais clubes da cidade, como Americano, Goytacaz, Rio Branco, Campos, São José e Municipal.

Marcos Antônio Freitas Leite não concorda. Para ele, o investimento deve ser somente nas categorias de base. Freitas Leite não acredita que o Campos tenha receita para disputar uma competição profissional. Outra possibilidade é que o clube dispute também o Estadual nas categorias infantil e juvenil. "A situação do futebol no momento, principalmente a do Campos, não é das melhores e por isso o clube deveria se dedicar apenas as categorias de base. Trabalhar com o futebol profissional, não compensa, pois é grande o prejuízo".

Muitos ainda acreditam na possibilidade de retorno do clube às atividades profissionais. Para isso defendem a possibilidade de retorno de um Campeonato Campista nos

moldes do que era realizado no passado, como forma de resgatar a rivalidade e com ela o entusiasmo dos novos torcedores, na tentativa de colocar novamente em atividade, clubes que praticamente abandonaram o futebol.

O ex-jogador Neném, um dos craques da conquista de 56, defende esta possibilidade. "A saída é juntar todos os clubes de Campos e fazer um Campeonato Campista, se unindo aos times da Baixada. Essa pode ser a solução para a volta dos grandes campeonatos na região. A união com o futebol do Rio de Janeiro foi um erro, que precisa ser reparado."

O ex-jogador Guinho tem o mesmo pensamento com relação à volta da competição na cidade. "Hoje em dia se houvesse o Campeonato Campista como naquela época, isso aqui seria uma maravilha. Agora está tudo acabado. Naquela época era uma beleza, estádio cheio. Hoje não é a mesma coisa de antigamente e não sou só eu que falo isso. Joguei muitas vezes no campo do Campos, completamente lotado. E não sou eu quem diz isso. Pode perguntar a um torcedor da faixa de 50 a 60 anos de idade e ele vai falar sobre as emoções que viveu no passado".



Possibilidades de ascensão e retorno da torcida

Alguns ainda acreditam na possibilidade de ver reativada a chama de uma torcida, que se nunca foi a maior de Campos, era uma das mais ativas, procurando acompanhar os destinos do clube, que representava os anseios dos moradores de um bairro, que crescia a passos largos e alcançava um progresso ímpar nos áureos tempos da Estrada de Ferro dando origem ao nome do bairro e que estavam em plena atividade, junto com o representante esportivo de toda esta população.

Carlos Alberto Gomes Lima é um desses torcedores, que ainda se lembra da torcida, na comemoração do título do Campeonato Campista de 1956. “Na conquista do título de 1956, foi uma grande festa na cidade e nos surpreendeu a todos, pois nem nós que vivíamos o dia-a-dia do clube, tínhamos noção do tamanho da torcida do Campos,

que até hoje é muito grande, depois deste grande período de paralisação. Afinal, ainda hoje, se me perguntar qual é o meu clube de futebol, vou responder que sou Campos, assim como meus filhos e sobrinhos”.

Além disso, o estigma de ter sido por muitos anos o segundo clube do torcedor campista, fez com o número oficial de torcedores se multiplicasse, ao contrário do número de associados. Este é outro ponto importante desta pesquisa.

Invariavelmente, todos os campistas se uniam sob as cores do “Roxinho”, quando seu clube de coração não estava em campo, mas no quadro de associados, esse mesmo número nunca esteve registrado.



Estagnação social

Depois de abandonar definitivamente o futebol profissional, não restou aos dirigentes que passaram pelo Campos, outro investimento, senão o social, na tentativa de integrar o roxinho às suas raízes, unindo a comunidade do Parque Leopoldina, o seu mais tradicional local de encontro.

O parque aquático foi ativado a toda força e um investimento chegou a ser feito, com a abertura de escolinhas de natação para associados e a comunidade em geral. Mas os frutos foram poucos e logo o tradicional clube voltou a sentir as dores do abandono.

Na primeira semana de julho de 2007, os muros do Estádio Ângelo de Carvalho foram pintados. O escudo do Campos foi apagado e o clube voltou ao abandono, com piscinas sujas e vestiários imundos. A situação não é muito diferente em outros clubes do Brasil.

Clubes de maior tradição no cenário nacional vivem o mesmo problema, como pode ser constatado na reportagem do dia 7 de janeiro de 2001, do jornal **O Globo** que

tem o título de “Futebol Fluminense por detrás das grades corroídas”. Nela pode ser visto o abandono de estádios tradicionais como Caio Martins, na época sob administração do Botafogo, e Moça Bonita, do Bangu. A matéria que ocupou duas páginas inteiras do periódico carioca deu destaque à vistoria do Corpo de Bombeiros no Estádio Godofredo Cruz, do Americano.

No Campos Atlético Associação o descaso é ainda mais evidente. Os troféus que estavam no chão, agora estão amontoados e espalhados em várias salas, a academia de musculação sumiu. César Salgado, que ficou seis mandatos à frente do clube, se exime da responsabilidade e culpa a enchente de 2007 e misteriosos assaltos, pela situação. O mármore em homenagem aos campeões de 1956 foi retirado da entrada do clube, enfim uma bagunça.

O fato do abandono foi citado por Carlos Alberto Gomes Lima com tristeza no depoimento que foi dado para este trabalho “Eu não sei aonde andam as relíquias do Campos. O clube tinha uma sala de troféus de 20 metros quadrados com armários até o teto e um andar superior. Eu não sei que fim levou todo esse material. Assim como tem/tinha uma academia de ginástica. O Campos tinha condições de se manter vivo até hoje se os herdeiros daqueles antigos beneméritos, tivessem compartilhado do mesmo desejo”.

Com as administrações de Márcio Reinaldo e Rodrigo Couto, com apoio do roxinho ferrenho Marcos Brito, nos últimos anos, o clube passou por reformas nos vestiários, ganhou banco de reserva, a entrada do portão da antiga bilheteria foi pintada, bem como vários pontos do Estádio Ângelo de Carvalho, um alento para os próximos anos.

Considerações finais





O objetivo deste livro foi o de recuperar e preservar a história do Campos Atlético Associação (Campos Athletic Association), primeiro clube brasileiro campeão com jogadores negros e mulatos em campo. A conquista em 1918 não obteve pela imprensa da época destaque merecido, o que motivou a realização de um trabalho aprofundado de pesquisa, junto a ex-jogadores, dirigentes, jornalistas, pesquisadores e até mesmo torcedores, que muito contribuíram com seus depoimentos, para enriquecer o material, hora apresentado.

Tendo o fato principal que deu origem a este trabalho monográfico, narrado em apenas três linhas do jornal **Monitor Campista**. Mais de 90 anos depois o feito histórico do Campos AA ganha importância, quando contraposto à afirmação de Mário Filho de que nenhum time havia sido campeão com jogadores negros e mulatos de 1906 a 1922. A exceção, segundo o jornalista, teria sido a Seleção Brasileira campeã do Campeonato Sul-Americano de 1919.

Mário Filho não tomou conhecimento da vitória do Campos no Campeonato Campista de 1918. O que ele não soube foi que “O Antigo Leão da Coroa”, além de aceitar jogadores negros e mulatos, foi fundado e obtinha em

seus quadros administrativos dirigentes negros, assim como mulheres.

As notícias publicadas na imprensa escrita de Campos dos Goytacazes serviram de subsídio para a construção da historiografia do clube, bem como livros de autores campistas, que contribuíram para o enriquecimento do material adquirido para a confecção deste trabalho.

Espero que este trabalho monográfico cumpra o seu objetivo de deixar para a posteridade a história do Campos AA por meio do olhar saudosista da crônica esportiva da cidade de Campos dos Goytacazes. Meu objetivo ao realizar este trabalho é deixar uma contribuição para que no futuro, pesquisadores, historiadores e interessados na história do futebol campista possam se inspirar pelo conteúdo apresentado e consigam preencher as lacunas que, possivelmente, tenham sido deixadas.



Anexos

Escritores, jornalistas e torcedores que escreveram
sobre o Campos (Organização: Wesley Machado)

O Campos Atlético e seu Jubileu de Prata

Por Waldir Pinto de Carvalho

1937! O CAMPOS ATLÉTICO ASSOCIAÇÃO completava o seu “Jubileu de Prata” e prometia festejar o de Ouro e, chegar, enfim, aos 100 anos como tantas outras entidades em Campos dos Goitacazes. 25 anos de um bom trabalho no setor de esporte da cidade, já era motivo justo para a satisfação, sobretudo, dos seus fiéis seguidores. Vinte cinco já é um pouco de história.

Tudo começou assim: Angelo de Carvalho, um homem cujo coração e as portas de sua casa viviam abertos para os muitos amigos, residia na “Coroa”. Sua casa era o ponto de encontro de moças e rapazes, e esse que se tornaria o “patriarca” do CAMPOS, realizava bailes e fes-

tas outras para divertir a mocidade da época. Certo dia, na residência do Sr. Angelo, quando a juventude se achava reunida, surgiu a ideia da fundação de time de futebol. Aquela ideia foi como faísca no paiol. Na liderança do grupo, entretanto, estavam Wanderley Barreto, figura jamais esquecida dos cronistas esportivos.

E, naquele domingo, 26 de outubro de 1912, o pessoal reunido em casa de Ângelo de Jesus Carvalho esquece os planos de festas, bailes e namoros, para se dedicar ao time que surgiria. E naquele dia estava fundado o CAMPOS ATLÉTICO ASSOCIATION; cidade ganhava mais um clube esportivo.

Além de Wanderley Barreto, fazem parte do Campos das primeiras horas, entre outros, Jorge Muniz Filho, Anizio Silva, Carivaldino de Carvalho, Francisco Antonio de Carvalho, Hernandes de Carvalho, Alvino Silva, Laurentino Nunes e o próprio Angelo de Carvalho.

Assim, o Campos, é o segundo time a se firmar na categoria. Seu primeiro jogo foi contra uma agremiação da Usina do Queimado, e a vitória de UM a ZERO, serviu para animar a rapaziada, elevar "seu" Angelo a promover na Coroa, uma feijoada-dançante até amanhecer o dia... E consta que o pitoresco da estréia do Campos foi o fato do calção do goleiro Wanderley ter se arrebetado e levado as

senhoras e senhoritas presentes, a ficarem “coradas”... Em 1937, a festa do CAMPOS se repetia pela passagem dos seus 25 anos de fundação.

A matéria aqui contida, fez parte de um script de rádio do “programa Nossa Terra/Nossa Gente”. Procurando ilustrar o documentário, o autor destas linhas, fez-se repórter e foi em busca de figuras que tinham feito parte das alegrias dos primeiros momentos de existência do CAMPOS A.A. E foi encontrar, residindo no início da Rua dos Goitacazes, um dos valores do querido clube em sua fase inicial: Jorge Muniz Filho.

Recebidos com simpatia pelos familiares de Jorge Muniz, fomos, enquanto esperávamos por sua presença na sala assoalhada, observando a série de fotos na parede, onde, entre outros, estava a figura granfina de Jorge, com a sua gravata borboleta e vestindo um alinhado terno por ele próprio confeccionado. Naquele momento nos veio à lembrança, o correto alfaiate da antiga Rua da Constituição, com sua fita-métrica ao pescoço e um sorriso sempre a escapar de seu rosto simpático. Surgiu, então, Jorge Muniz, já com os seus cabelos brancos, se queixando da pouca saúde, dentro de seu pijama, mas pronto a se entusiasmar com o tema abordado: Vida e Glória do CAMPOS ATLÉTICO ASSOCIATION. A memória já não o ajudava muito,

mas estava pronto para falar sobre o clube que viu nascer. E quando lhe perguntamos como se deu a sua entrada para o Campos, a resposta foi curiosa e surpreendente. Com o rosto iluminado pela alegria, e apontando para a sua boa companheira, D. Angelina, revelou: minha entrada para o time aconteceu por causa do nosso namoro...

Com o passar dos anos, a cidade ganhou um estádio com o nome de "Angelo de Carvalho", uma justa homenagem à memória do seu principal fundador. A definição do cognome "Clube dos Roxinhos", é facilmente compreensível. Veio do fato do clube ser fundado por um grupo de mulatos ou "roxos", em cujo rol, por coincidência e jamais por discriminação, não figuravam pretos nem brancos... Com o correr dos anos, aos roxinhos se juntaram, tanto os escurinhos como os branquinhos.

Mas, o CAMPOS A.A, que nasceu dos encontros festivos da casa de Angelo de Carvalho, além dos nomes já citados, contou com, entre outros, os seguintes: Leopoldino Amorim, Jorge Muniz (pai), Edmundo Chagas, Acyr Carvalho, que era ferroviário e Luiz Carlos de Oliveira, um joalheiro. Um fato interessante, as mulheres fizeram parte da fundação do Campos. Tiveram, por exemplo, presença atuante, D. Angelina Carvalho Muniz, D. Maria Batista e muitas outras. Numa demonstração de entusiasmo e amor

ao Clube, as mulheres torcedoras, iam para o campo com os seus uniformes iguais aos dos jogadores, com seus estandartes e, sobretudo com sua animação para incentivar os esportistas. Uma coisa era certa: toda vez que o CAMPOS ganhava, o Sr. Angelo promovia a célebre feijoada e o baile para a moçada.

Isso nos leva a pensar no saldo de boas coisas que o passado nos creditou. Tempo bom! De jogo limpo, jogo divertimento, de gente decente, respeitadora, sem palavrões, sem xingamentos, de espetáculo de primeira ordem, visto pelas famílias que formavam a nossa sociedade. Um outro detalhe digno de registro, diz respeito ao fato de, para abrilhantar ainda mais uma vitória do Campos Atlético Association, nunca deixava de estar presente com sua música, a SOCIEDADE MUSICAL LIRA GUARANI.

E o Campos que teve o seu primeiro gramado, na Beirário, graças a cessão do terreno do usineiro Atilano Crisóstomo de Oliveira, mais tarde e, justiça seja feita à memória de um lutador, isto é, em virtude do esforço e trabalho permanente de Rodoval Bastos Tavares, o clube conseguiu da Municipalidade, por doação, a área onde tem a sua bela praça de esporte, no Parque Leopoldina.

Há, na história do CAMPOS A.A., nomes que se não podem se esquecidos: Hugo de Campos Soares, Jovino Go-

mes Lima, o técnico Laerte Lopes, o goleiro Onildo, o massagista Natalino Cruz, o chefe de torcida Serafin Ferreira (o perna-dura), Pedro Paulo Pereira, Luiz Barreto, Nenem, Francisco Leal Areas, Genor de Souza, Jorge Leal, Alceu Teixeira, Paulo Alcântara, Adolfo Stramb, Marco Antônio e tantos outros. Outros belos capítulos do Campos, iremos narrar adiante.

Publicado originalmente na página 111 do livro “Campos depois do Centenário – Volume 1”, editado no ano de 1991 em Campos dos Goytacazes-RJ pela Damadá Artes Gráficas e Editora.

Bailes

Por Oswaldo de Almeida Lima (1912-1973)

Quando o Campos Atlético Associação completou cinquenta anos, fui convidado a fazer uma palestra sobre a vida daquela agremiação. Por um motivo: fui vizinho do Campos durante muitos anos, pois a sua sede era na casa de D. Inésia e “Seu” Ângelo de Carvalho. Era um excelente casal de velhos, com os filhos todos já moços, inclusive um filho e uma filha já casados, que já lhes haviam dado netos. Mas a sua casa vivia sempre cheia. Aos domingos, jogasse ou não jogasse o Campos, reunia-se ali uma pequena multidão. Se jogava, os jogadores iam trocar de roupa, pois se dirigiam para o campo num carro de cavalos, de capota arriada. Havia esse chique, exigência da importância do futebol na época. E atrás dos jogadores iam os torcedores. E as torcedoras.

Mas, além dos craques que já havia na família, como Carivaldino, que foi beque famoso, e Niquinho, outros se haviam tornado íntimos, como Fidélis, por exemplo. De maneira que, aos domingos, lá estavam para almoçar, pondo-se às vezes várias mesas, almoçando, não raro, vinte e tantas pessoas. E entre os comensais, para comer jacaré, que D. Inésia sabia

preparar como ninguém, se encontrava quase sempre Evandro Monteiro, ligado por amizade a Morgado Muniz e outros rapazes do Campos.

Esse Morgado Muniz, sempre muito caprichoso e decente, tal como o irmão, Jorge, era um dos almofadinhas da cidade, numa época em que os domingos exigiam traje domingueiro. Esticava sempre um terno de brim branco "H.J", muito bem engomado, camisa de seda, como se usava, e uma bonita gravata. E, para completar, uns sapatos camuflagem, muito bem engraxados e limpos. Aparecia sempre impecável e, convém que digamos agora, nas suas incursões pelo bairro, não ficava na casa de D. Inésia, indo às vezes muito adiante.

Escrevi sobre o Campos o que, em letra de forma, no Velho Órgão, deu uma página ou pouco mais. E li as minhas laudas para um auditório que parecia interessado e no qual algumas senhoras choravam. Uma era Argelina, filha de Ângelo de Carvalho. É que eu me lembro de tudo, inclusive da disposição dos móveis na casa de D. Inésia, embora a rigor somente fosse lá quando havia baile, ou quando morria criança. Mas me lembro de tudo. Descrevi a casa toda, não esquecendo de anotar a presença de uma mala, junto aos pés de uma cama no segundo quarto, onde Morgado Muniz, nas noites de baile, se sentava com uma das filhas da "comadre Rosa", a então normalista Tereza.

Ângelo de Carvalho não tinha recursos mais amplos. Era ferreiro e tinha uma oficinazinha ao lado da casa. Mas não ligava para despesa e parecia mesmo desejar que a sua casa fosse uma permanente festa. Já curvado, tombando um pouco para um lado, careca, tinha uma cabeça à Rio Branco, à qual não faltava aquele bigode venerável.

Mas havia festa a propósito de tudo. Festa quando alguém da família fazia anos. Festa no dia 26 de outubro, aniversário do Campos. E havia festa ainda quando o Campos tinha uma grande vitória, quando vencia Americano ou Goitacaz. E festa querida dizer comida e baile.

Uma vez veio o Mangureira, clube da Segunda Divisão do Rio, jogar com o Campos. Iluminou-se até o quintal da casa, e foi uma festa de arromba. No dia seguinte, depois da partida, em que o Mangureira perdeu, nova festa.

Também um baile era fácil. Os conjuntos musicais, os chamados "choros", eram amadoristas. Formavam-se aqui e ali só pelo prazer de tocar. De modo que, com a maior facilidade, se arranjava um "arrasta-pé". Os dois grupos de cadeiras da sala de visitas de D. Inésia, onde estavam também os quadros com os times do Campos, eram levados para o corredor. E tinha-se espaço bastante para quem quisesse dançar.

Às nove horas, nove e pouco, iam chegando os músicos: Lincoln, que depois se casaria com Zola, filha de Chiquinha

do Caboclo Jorge, Waldemar Tainha no cavaquinho, João Bocácio no violão e, em casa, já estava aguardando o violino de Vanderlei Barreto, ferroviário casado com Dolores, filha de Ângelo e D. Inésia. Lincoln tocava saxofone.

Havia figuras inesquecíveis nessas reuniões. O velho Jorge Muniz, pai de Morgado, professor da Escola de Aprendizes Artífices, era infalível, assim como Edmundo Chagas. O velho Muniz metido num terno de casemira carijó.

Curiosas festas da família, com os “sapos” no meio da rua, para lá da linha do bonde. E os que tinham namoradas com as mesmas trabalhando para que eles entrassem. Daí a pouco, o dono da casa chegava à porta e os convidava. As moças lhes tomavam os chapéus de palha para guardar, o que era um gesto de atenção e de ternura.

As danças continuavam até meia-noite, uma hora, quando começavam os convites para a mesa de chá com biscoitos. E isso significava que a festa estava acabando.

A movimentação dos que se despediam ouvia-se perfeitamente no vizinho. Inclusive trechos de conversa. E os rapazes, se os pais consentiam, iam levar as namoradas em casa, andando na frente, o chapéu na mão, numa atitude toda respeitosa.

Publicado originalmente nas páginas 67, 68 e 69 do livro “Bairro do Caju”, editado no ano de 1980 em Brasília pela Editora Cátedra

O Campos A. A. e os seus Campos...

De Hugo de Campos

Como já sabemos, segundo a palavra de dois dos seus fundadores, o querido Roxinho iniciou na Praça do Liceu. Ali não existia pròpriamente um campo adequado para a prática do esporte que nascia aqui; mas, com boa vontade e algumas adaptações servia para os primeiros treinos. Do Liceu, os rapazes do Campos se transferiram para beira do rio, lá para além da Caixa D'Água, local onde permaneceram em atividade durante algum tempo.

O TERCEIRO CAMPO

Do campo anterior, o Campos veio chegando para cá, passando a ocupar o campo do "Luzo Brasileiro" – grande clube campista (...) – ao lado da Estação Meteorológica. Por essa época, o Campos chegou a formar um quadro respeitável com Portilio ou Lilino no goal, a famosa parrelha de zagueiros Carivaldino e Niquinho; a grande intermediária formada por Americano, Salvador Roque e Bangú/ e, um

ataque perigosíssimo, onde pontificavam Goiabada, Papai, Amaro Rolinha, Gibi e Euclides.

O "LEÃO DA COROA"...

Mercê da expressão das suas equipes, logo nos primeiros anos – 1912 a 1914 – o Campos passou a ser conhecido como o "Leão da Corôa", notadamente por ter sempre as suas Praças de Esportes localizadas naquele bairro. Do antigo campo do "Luzo", o Campos instalou-se na Rua Rocha Leão, onde ficou durante anos e anos, onde colheu muitos triunfos, como um dos mais tradicionais e valerosos quadros da cidade que lhe empresta o nome. Do antigo campinho da Rocha Leão, o Roxinho foi para o parque Leopoldina, onde construiu com sacrifícios imensos a sua própria Praça de Esportes, à qual de o nome de "Angelo de Carvalho", que, segundo os roxinhos da velha guarda, foi o "Pai", o "patriarca", do querido clube roxo-preto e branco, considerando o Campos como uma tradição da família Carvalho, por onde passaram os seus descendentes, todos com os olhos voltados para o progresso e a grandeza desse Clube, que é um motivo de orgulho para o futebol fluminense.

Publicado originalmente no Jornal "A Notícia",
edição de 26 de maio de 1961.

Gramática por esporte

Por Roberto Findlay

O título justifica-se, de certo modo.

Preliminarmente, devemos escrever que somos dos raros sobreviventes que acompanham o futebol em nossa terra desde seus primórdios, quando o bonito ASSOCIATION era praticado por mero passatempo e nem se sonhava com o profissionalismo. Temos, portanto – pondo de lado a modéstia – lastro de autoridade suficiente para criticar tudo quanto nos pareça errado, no que tange ao esporte das multidões, embora raramente o façamos, pela circunstância de estarmos agora à margem dos acontecimentos, por culpa dos anos que rolam inexoravelmente... Assim é que já não nos seduzem nem mesmo os jogos de maior importância, que outrora tanto nos atraíam.

Acontece, porém, que o pequeno problema que vamos versar não se prende ao futebol propriamente, mas à gramática – animal manhoso que costuma sacudir do lombo quem canhestramente pretenda cavalá-lo.

Mas vamos ao caso. Trata-se do Campos A.A. Como se sabe, o tradicional e valoroso clube dos roxinhos foi fundado

na residência do boníssimo Ângelo de Carvalho, onde tinha acolhida fraternal toda a moçada alegre do bairro. Numa dessas reuniões informais alguém sugeriu a possibilidade de organizarem um clube de futebol, ideia logo aceita com entusiasmo. E como se chamaria a futura agremiação? Cogitava-se. Cada qual dava sua opinião. Foi então proposto – cremos que pelo nosso saudoso amigo Wanderley Barreto - o nome de “Campos Athletic Association”. Perfeito, nome inglês, construção inglesa, e todos aplaudiram a sugestão. E a cidade contaria, a partir de então, com mais um aguerrido conjunto esportivo, que venceria todos os óbices, todas as dificuldades, para conservar-se vivo e atuante até esta data.

Entretanto anos decorridos de sua fundação, muitos anos mesmo, quando Wanderley e outros fundadores já não eram mais que uma saudade, estranha onda de nacionalismo varreu o clube, e os seus diretores resolveram aporuguesar o nome. E como o fizeram:? Traduziram-no, sim, mas conservaram-lhe a construção originária, do que resultou ficar como hoje está – Campos Atlético (?) Associação.

Ora, como admitir tal concordância (ou discordância) ?

Haja vista que os adjetivos ingleses são invariáveis. Só se lhes conhece o Sexo através dos substantivos a que se refiram.

Portanto, a prevalecer a construção inglesa, no nosso

modo de ver, aquêles Athletic Association deveriam tê-lo traduzido por Atlética Associação. Aí as coisas estariam, pelo menos corretas – adjetivo e substantivo acordantes.

Hão de convir que como está, aquêles Atlético, espremido entre Campos e Associação, deve andar meio encabulado, indeciso sobre de que lado pender, sabendo apenas, que com sua vizinha da esquerda, não se dá nem encontra jeito de com ela concordar.

Que nos desculpem nosso amigo Jorge Muniz e outros roxinhos por essa intromissão indúbita; esta opera-se porque está em jogo não só o Balão de Couro, mas também uma questão gramatical, a que todos podemos e devemos ter acesso, mesmo sem pagar entrada...

Salvo melhor juízo.

Publicado originalmente no Jornal A Notícia no dia 10 de maio de 1967

Coluna dos Roxinhos

Por Carlos Alberto Gomes Lima (Redondo)

Amigos: Não é mole ser torcedor do Campos A. A.

Imaginem! O Clube das bandas da Leopoldina está precisando arranjar uma maré de sorte, comprar bilhete de Loteria, mandar cigana ler sua mão, visitar um terreiro de macumba ou ir aos capuchincos prá tirar a onda de azar que assola o mais humilde dos corsários do mar da ignomínia em sua trajetória pelos anais do azar.

A diretoria trabalha, de fazer dó. O time não ganha. Vai assim desestimulando seus torcedores, que só querem a vitória até ai, vamos nós também... Não ganhou do Goitacaz F. C. Tomou uma goleada de fazer corar um frade. O adversário estava melhor e venceu com categoria. Tudo foi na base do time em formação! Engoliu-se a sêco. Depois, aparece o C.E. Rio Branco, adversário leal, sério, contrito, porém, ao nosso ver, menos categórico do que o Goitacaz F. C. ganhou na última volta do ponteiro, num lance em que o jogador Zezé Gato, meia médio lá de cada teve 99% de participação. Lá se foi a vaca pro brejo. Que azar!

Vem o Americano F.C, time de grandes tradições, time

que segundo alguns vence antes, é um selecionado, é bom demais etc... Preparamos nossa equipe e partimos para a vitória. Mais uma vez ela não veio! Não veio e acho que o azar ou "é meu ou é do romeu." Pílulas! Que progresso é esse? Jogar e não ganhar é uma coisa. Jogar melhor e não vencer é o fim da falta de sorte. Lembro-me de um amigo que quando tropeçava, xingava o tijolo ou a pedra até ela esfarinhar-se. O Campos A.A. deve xingar a bola até ela ficar mais favorável, mais adestrada. Ou apelar para os catimbós da abertura. Vai dar azar assim na Av. Brasil! O time do Campos A.A. precisa fazer uma visita ao Pai de Santo o mais depressa possível! É quase impossível dar mais azar do que isso.

Não gosto de empatar! Prefiro perder! Meias só pras pernas! E pernas de mulher feia. Que prá profundas vão todos os azarentos do Parque Leopoldina. Deixem o Roxinho em paz! Êle já está com naturalidade suficiente.

Se Tôdos os pé-frio sumirem de lá o ROXINHO emplaca 67 e será enfaixado Campeão da Cidade Vá, colabore como velhinha! Tadinho! Êle merece. Merece ou não merece?

Meu desejo sincero, minha vontade suprema é ganhar o Campeonato atual. O meu clube está trabalhando para ser o novo campeão da Cidade e depois fazer bonito na Taça Brasil. Aliás: Quando o Campos A.A. tinha aquele esquadrão da morte, timão, campeão com seu Jovino e tudo, naquele ano,

acabaram pararam, breparam, o famoso “Caneco Brasil”. Vai dar azar assim na Conchichina.

O que é óbvio é que o Campos A.A. pode, deve, está preparado para ser, já está em condições de afirmar que novo Campeão da Cidade.

Prá profundezas do inferno com todo o seu azar torcedor amigo! Sarava, Roberto Carlos, criador do inferno, com guitarra elétrica, mini-saia e da bandeira roxa no ié-ié-ié, no iate dos azarados. Já que você está por aqui leve com você o azar do Campos A.A. Pode levar prá você. Garoto barra-limpa! Mora!!!

Publicado originalmente no Jornal Tabloide Esportivo no dia 31 de julho de 1967.

Campos é Paixão

Por Orávio de Campos

Nunca conseguimos ser Campos, talvez por causa da cor de sua camisa roxa, triste até. Nosso tio Múcio de Campos costumava dizer que “o Campos era uma espécie de paixão daí sua cor roxa”. Durante o desenrolar do prélio, que por coincidência valia a disputa da “Taça Múcio da Paixão”, ficamos a pensar terrivelmente naquele torcedor-parente, desses que adoecia quando o roxinho perdia uma partida e que não conseguia suportar uma festa regada a aperitivos quando os eu time ganhava de um Goitacaz ou de um Americano, naquela boa época romântica do futebol profissional campista. Sei lá. Tio Múcio estava lá naquela torcida, chorando e sacudindo sua bandeira desse tamanho. Vi-o festejando os gols de Ori pertinho do alambrado.

Mas como aquele time-menino jogou contra o paraíso, que se esterrou de fragilidade diante da paixão roxa!... Time menino – não sei se me entendem – Pareciam os atletas querubins, fugidos da bíblia-sagrada e tempo de vencer o inferno, purgatório e Paraíso. Os alados não tocavam a grama, adejavam e se lançavam por entre os adversários. Teve

uma hora em que o Tatalo, tomado de uma entidade divina, pegou a bola lá no meio do campo e partiu para cima do gol de Joelson, que se tremeu da cabeça aos pés: passou, como quis, como um rato, por todo mundo. A defesa do Paraíso ficou boquiaberta. – era um olé no melhor estilo espanhol, em que os miúras iam dando passagem á técnica de um jogador-toureiro.

Campos é o campeão incontestado. Campeão macho. Quem o desmerecer nunca será tão fêmea. Um ladrão-de-banco urra em meio à tuduma, no Godofredo Cruz, meio despeitado por ter enfiado uma nota no Paraíso: “Campeonato assim é fácil, sem Goitacaz e Americano. Esse foi mole”. Mas nós dizemos: - Campos seria campeão de qualquer maneira, com Goitacaz e Americano ou sem eles. Estava escrito que seria assim e com o destino não se brinca. Depois, o time nas mãos do Alseu cresceu nos últimos anos e começou a pintar como estrela – fundaram no Parque uma empresa forte e que teria de dar rentabilidade. Lógico. Se os bocas-de-formiga querem falar, que falem, mas o Campos é campeão.

A “Taça Múcio da Paixão”, primeiro presidente da Liga Campista de Desportos, por direito de conquista pertence ao Campos Atlético Associação. O time do pranteado sambista Serafim, que deve ter feito festa, com batucada e tudo lá pelo céu de seu merecimento. Um campeão de raça que

armou um time veloz e menino e partiu contra os Golias, vencendo-os à base do estilingue. Vinte anos depois a torcida consegue sair do limbo e chegar ao cimo, para invadir o campo, após pular alambrados, para abraçar seus craques e festejar uma vitória que, por muito tempo, em termos de futebol-paixão, futebol-roxo, permanecerá, irretocável, no “Angelo de Carvalho”. Parabens à equipe lesta, humilde e máscula do Campos de todos nós.

Publicado originalmente no Jornal A Cidade no dia 12 de junho de 1976

Memórias Esportivas

Por Márcio de Aquino

Durante dois anos de minha infância, entre os 8 e os 9 anos, eu frequentava diariamente os treinos dos profissionais e juvenis do Campos Atlético Associação, o “Roxinho do Parque Leopoldina”, levado por meu avô. Quando comecei a acompanhar os treinos eu ainda não tinha um clube de minha preferência em Campos, embora tivesse uma certa simpatia pelo Goitacaz. Mas aos poucos, sob a influência do meu avô, me tomei de simpatia pelo “roxinho”, e quando me dei conta já era um torcedor do Campos.

Era engraçado ser torcedor do Campos. Era assim como um torcedor carioca torcer pelo América ou Bangu. Os amigos sempre estranhavam minha preferência. Ainda me lembro de alguns craques do time principal; o goleiro Jorge Uébe, Neném, Bitiu, Grilo, Arruda, Tatu, Luis, Carlinhos, Ronaldo.

Algumas partidas ficaram em minha memória. Uma vitória inesquecível foi contra o Goitacaz. Campos 2x1, com os dois gols marcados por Tatu, um negão forte, um pouco acima do peso, camisa 10. Tatu virou herói pra mim naquela

tarde. Lembro-me de ter comentado com meu pai, que se fosse formada uma seleção campista, a camisa 10 tinha que ser dele. Havia um certo exagero nessa conceituação, mas o seu feito heróico em minha visão infantil o credenciava a figurar entre os grandes craques de nosso futebol. Depois daquele jogo não me lembro de ter visto outro gol de Tatu, mas aqueles dois que ele marcou contra o "Azul da Rua do Gás" foram suficientes para colocá-lo na galeria de minhas memórias esportivas.

Na época, as duas grandes forças do futebol campista eram o Americano e o Goitacaz (daí a importância daqueles 2x1). Os dois times eram uma espécie de Cruzeiro e Atlético Mineiro, ou Grêmio e Internacional, ou seja, os campeonatos campistas quase sempre eram decididos pelos dois clubes, que eram bem superiores aos demais. Às vezes o Rio Branco, considerado a terceira força do futebol campista corria por fora – chegou a decidir com o Americano em 72, num jogo duro em que o Americano ganhou na decisão por pênaltis. Havia também os times formados nas usinas de açúcar: o Cambaíba, o Paraíso e o Sapucaia.

Houve dois jogos dos infanto-juvenis que também ficaram na memória. O time de infantes era formado por garotos com uma faixa de idade intermediária entre os "dentes-de-leite" e os juvenis (hoje chamados de juniores). Os jogos

dos infanto-juvenis eram disputados normalmente nas preliminares dos jogos dos juvenis. Lembro-me de uma partida entre Campos e Paraíso, quando o Campos impôs no adversário uma goleada histórica por 9x1, com direito até a gol que não entrou. Eu explico: No primeiro tempo, uma bola foi chutada por um jogador do Campos contra o gol adversário, e o tiro acertou a rede, pelo lado de fora. Porém, como a rede não estava bem fixa no chão, a bola acabou entrando por debaixo dela, e o juiz, mal posicionado, validou o gol. Nas categorias inferiores não havia bandeirinhas. O time do Paraíso partiu inteiro pra cima do juiz, que não voltou atrás. Como dizia o antigo locutor esportivo Waldir Amaral, “Não adianta chorar, a nega ta lá dentro!”. Lembro-me que no intervalo um torcedor perguntou ao autor do gol polêmico se a bola havia entrado, e ele confirmou que não. Voltando para o segundo tempo, o time do Campos continuou dando um show de bola, e fechou a partida com o placar histórico de 9x1.

Alguns meses depois, no segundo turno do campeonato, novamente Campos e Paraíso se enfrentavam na categoria infanto-juvenil. Quando os times entraram em campo me lembrei daqueles 9x1, imaginando que jamais veria um placar tão elástico como aquele. O Campos dominava a partida, e os gols iam saindo naturalmente. Mais uma goleada à vis-

ta. Placar final: Campos 9x1. A mesma goleada, desta vez com todas as bolas realmente entrando.

Alguns jogos de times amadores, que assisti no Estádio Ângelo de Carvalho, do Campos A.A. também ficaram na memória, como um jogo da AABB !(Associação Atlética Banco do Brasil), quando eu assisti a maior performance de um goleiro em jogos naquele período. O cara simplesmente pegava tudo. Foi uma sucessão de defesas cinematográficas e saídas precisas, com direito até a um pênalti defendido. Saí do estádio impressionado com o goleiro da AABB, e nunca me esqueci daquela tarde de sábado.

Um treino inesquecível para mim foi um dos juvenis. Não por causa de um golão ou de alguma jogada em especial. O treino corria normal, quando entra no estádio um garoto, e próximo ao campo chama pelo nome do irmão, que estava treinando, e grita: "Mamãe ta chamando!". Os torcedores que acompanhavam o treino começaram a rir da situação. Em pleno treino uma voz gritando para um dos jogadores e pedindo para abandonar o treinamento porque sua mãe estava chamando, virou motivo de piada e constrangimento para o futuro craque, que indiferente, continuou treinando até o fim.

Em 6 de agosto de 1974, nos festejos do padroeiro da cidade, o time do Palmeiras, de Leão, Luís Pereira, Leivinha

e Ademir da Guia veio fazer um amistoso em Campos, no campo do Goitacaz. Naquela época não era comum grandes equipes do futebol brasileiro virem jogar em Campos. A participação do Americano no Campeonato Nacional (como era na época chamado o Campeonato Brasileiro) só aconteceria no ano seguinte, assim como a presença de Americano e Goitacaz no campeonato estadual só viria acontecer em 1976. Portanto, a presença do timaço do Palmeiras, então bi-campeão brasileiro (1972-1973), conhecido como "Academia", se tornou um acontecimento marcante nos meios esportivos.

O adversário que enfrentaria o temido "verdão" não seria o Americano, Goitacaz, nem um combinado campista, mas sim o Campos A.A.. Outra atração para essa partida seria a presença do meia Afonsinho, um jogador que se notabilizou não só por seu excelente futebol, mas também por ser talvez o primeiro jogador a lutar pelos direitos do atleta profissional, e bater de frente com treinadores e cartolas. Afonsinho veio, inclusive, a ser homenageado por Gilberto Gil em uma música chamada "Meio de Campo" (Prezado amigo Afonsinho/ Eu continuo aqui mesmo/ Aperfeiçoando o imperfeito/ Dando um tempo/ Dando um jeito/ Desprezando a perfeição). Afonsinho atuou durante 45 minutos com a camisa do Campos.

Eu não poderia terminar sem lembrar de outra partida do Campos, que eu vi dois anos depois. Os tempos já haviam mudado. Americano e Goitacaz passaram a disputar o campeonato estadual, após a fusão da Guanabara com o antigo Estado do Rio, e se tornou inviável disputarem ao mesmo tempo o campeonato campista. Naquele ano de 1976, pela primeira vez o campeonato campista era disputado sem suas duas grandes forças.

Eu já não acompanhava muito o futebol de Campos, mas não pude deixar de comparecer àquela partida. Decisão do campeonato: Campos x Paraíso, no campo do Americano. Vi o Campos sair de lá campeão do último campeonato campista de futebol. Não me lembro do placar (talvez 3x1) nem do nome de nenhum jogador. Meu avô, que havia me ensinado a amar o “roxinho”, já não estava nesse mundo, mas aquele jogo eu vi por ele, e voltamos pra casa campeões.

Publicado originalmente no Blog Tarati Taraguá nos dias 21 e 23 de março de 2010.



Formação do time do Campos Campeão Campista de 1918: Mario Pinto, Luiz Moreira, Manoelzinho, Carivaldino, Papai, Licurgo, Fidelis, Salvador Roque, Dázio, Gibi, Bolinha e Ildefonso. Fonte: Almanaque Esportivo do Jubileu de Ouro do Futebol Campista (p. 11)



Formação do time do Campos Campeão Campista de 1924 Em pé: Joca e Ademar Negrinhão. Ajoelhado: Ildefonso, Crisolino e Santinho; Sentados: Nelson, Crenório, Capitão, Ary e Canhoto. Deitado: Feijão. Fonte: Almanaque Esportivo do Jubileu de Ouro do Futebol Campista (p. 13)



Placa em homenagem aos campeões campista de profissionais de 1956. Foto: Wesley Machado



Escudo no portão da bilheteria do Estádio Ângelo de Carvalho. Foto: Wesley Machado



Foto do Jornal "A Notícia", edição de 30 de maio de 1967.

Campos Campeão do Torneio Início de Juvenis de 1968



Escalação: Iaro, Geraldo (Panela), Célio, Tadeu e Alamir; Norival e Paulo César; Eumair, José Francisco, Arialdo e Joaldo. (Registro do Jornal "A Notícia", edição de 21 de maio de 1968.

Equipe Juvenil do Campos de 1975



Paulo Roberto, Alair, Roberto, Didi, Everaldo, Rubinho, Renato Mineirinho, Valmir, Ivair, Joaldo e Bira.
Imagem gentilmente cedida por Rubinho da Banca da Alberto Torres

Time do Campos que disputou o amistoso
contra o Palmeiras em 1974



Em pé: Filhos de Alceu Teixeira, Paulo Alcântara (supervisor), Ronaldo Soares Bastos, Alceu Teixeira, Branco, Gato Félix, Rebite, Edalmo, Gilberto, Abud, Emílson, Xavier e Mauro (cortado). Agachados: Marcelo Cruz (massagista), Caju, Lauro, Zé Neto, Jorge Pescoço, Afonsinho, Ramon, Joãozinho e Balula. (Foto gentilmente cedida pelo ex-goleiro do clube, Mauro)

Time Campeão Campista de 1976



Em pé: Roberto Moreira (massagista), Zé Luís, Rubinho, Dilcinho, Xavier, Fernando Gavião e Sérgio Alcântara. Agachados: Ori, Zé Antônio, Tatalo, Robson e Emílson.

Time do Roxinho Bi-Campeão Mirim em 1991
da Taça Jornal "A Cidade"



Lateral esquerdo titular da equipe, Wesley Machado, autor deste livro, o último dos jogadores em pé, da esquerda para a direita. Levado para o clube por intermédio do avô paterno, Egenildo.

Reunião na sede do clube



Presença do ex-prefeito Rockefeller de Lima, que conseguiu os refletores para o Estádio Ângelo de Carvalho, inaugurados no dia 19 de maio de 1973.



Ângelo de Carvalho: Fundador do Campos Athletic Association, o grande responsável junto de Wanderley Barreto pela história do clube, que resistiu um século. Foto extraída do livro "Campos depois do Centenário", de Waldir de Carvalho.

Monitor Campista

REDACÇÃO
—Rua Trêz de Maio — 02
Número do dia 1109.
Acesso a todos os convencionais

PROPRIEDADE DE ATÍLIA DE ALVARENGA

Campos—Terça-feira, 24 de Dezembro de 1918.

ASSIGNATURAS
Por anno — Cidade 20\$ — Interior
Semestre — Cidade 11\$ — Interior
PAGAMENTO AVANÇADO

FOOT-BALL

No «field» da rua dos Goyiacazes realizou-se ante-hontem o ultimo «match» do campeonato da L. C., entre os clubs Campos A. A. e 15 de Novembro F. C.

Nos 2º «team» venceu o 15 de Novembro por 2x1 e nos 1º o Campos por 2x1.

Nota sobre a conquista pelo Campos do título histórico de 1918
Publicada na edição do Jornal Monitor Campista de 24 de dezembro de 1918.

Monitor Campista

ORGÃO DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS.

CAMPOS — ESTADO DO RIO — TERÇA-FEIRA, 24 DE JULHO DE 1951.

CASA MARTINS
LOTÉRIAS

Matriz - R. 13 DE MAIO, 9 - CAMPOS
Filiais: - B. HORIZONTE, VITORIA, MACAÉ, S. FIDELIS

O Teatro Imperial

Este-se hoje no Imperial o historico "Tiradentes", tem, quando representa, o "premiê", alcançou aplausos por parte dos s de espectadores que liam literariamente todos idências.

gráfico "show" que a-função de hoje tamara Umberto Simões, o poplaudido humorista da pi. de S. Paulo, o mais, ao Imperial!

O Goitacaz foi no "golpe" do Campos

Tombou o campeão do «Preparatorio» para o antigo «Leão da Corôa» por um a zero - Detalhes do espetáculo - O juiz e os quadros

Em face da decisão, ante-on-judoca, de Almir. Impressionado, iBumba e Ceiso. De quanto em tem, da chamada "Tava. Plo-

TEAT
Tempor

O nucleo
tro do Ciu
vai reinicia
uma tem
ainda, e
sucesso.
Nos dias
palco da
na "Vene
26 e 27."
28. "Chav
Os ensa
tação res
dor Bach
Heio Bo
ral de O

Notícia em que é utilizado o termo "O Antigo Leão da Coroa" para definir o time do Campos.
Publicada na edição do jornal Monitor Campista de 24 de julho de 1951

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



1. ALMEIDA, Jorge da Paz. Campos: 50 anos de Carnaval. Lar Cristão, Campos dos Goytacazes, RJ, 1992.
2. ARÊAS, Nilo Terra. Almanaque Esportivo do Jubileu de Ouro do Futebol Campista - História do Futebol de Campos. 1ª edição. Indústrias Gráficas Atlas Ltda, Campos dos Goytacazes, RJ, 1962.
3. CARRANO, Paulo César Rodrigues (org). Futebol: paixão e política. DPGA, Rio de Janeiro, 2000.
4. CARVALHO, Waldir. Campos depois do Centenário: Damadá Artes Gráficas e Editora, Campos dos Goytacazes-RJ, 1991
5. DEBORD, Guy. A Sociedade do Espetáculo. 7ª edição, Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.
6. ECO, Humberto. Como se Faz uma Tese. 14ª edição, Perspectiva, 1996.
7. FILHO, Mario. O Negro no Futebol Brasileiro. 4ª edição, Mauad, Rio de Janeiro, 2003.
8. FILHO, Mario. O Sapo de Arubinha: Os Anos de Sonho do Futebol Brasileiro, São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
9. FRANZINI, Fábio. Corações na Ponta da Chuteira - Capítulos Iniciais da História do Futebol Brasileiro (1919-1938). DPGA, Rio de Janeiro, 2003.

10. GALEANO, Eduardo. Futebol a Sol e à Sombra. 2ª edição, LPM, Porto Alegre, 2002.
11. LE GOFF, Jacques. História e Memória. 5ª edição, Editora da Unicamp, Campinas-SP, 2003.
12. PARDO, Aristides Leo. No País do Futebol, Cidade sem Memória. 1ª edição, Agbook, 2010.
13. LIMA, Oswaldo. Bairro do Caju. 1ª edição, Cátedra, Rio de Janeiro, 1980.
14. LONER, Beatriz Ana. Classe Operária: mobilização e organização em Pelotas: 1888-1937. Tese de Doutorado em Sociologia da UFRGS, v. 2, Porto Alegre, 1999.
15. MELO, José Marques de. História Social da Imprensa. Ediprus. Porto Alegre, 2003.
16. OURIVES, Paulo. História do Futebol Campista. Cátedra, Rio de Janeiro, 1989.
17. ROBERTO, José. Futebol: A dor de uma paixão. Editora Guanabara, Três Rios, 1986.
18. SANTAFÉ, Hέλvio. Ídolos do Esporte- A História do Esporte de Campos. 2ª edição. Campos dos Goytacazes, RJ, Grafimar, 2006.
19. SANTOS, Joel Rufino dos. O Que é Racismo. 9ª edição, São Paulo, Brasiliense, 1985.
20. VEYNE, Paul. Como se Escreve a História. Lisboa, Edições 70, 1971.

